

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
COLEGIADO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**ISA EMANUELLE BISPO DE CARVALHO**

**ANÁLISE DOS ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CAFÉ  
SOLÚVEL NACIONAL DIRECIONADO AO MERCADO EXTERNO NO PERÍODO  
DE 1995 A 2021**

**VITÓRIA DA CONQUISTA – BA**

**2022**

**ISA EMANUELLE BISPO DE CARVALHO**

**ANÁLISE DOS ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CAFÉ  
SOLÚVEL NACIONAL DIRECIONADO AO MERCADO EXTERNO NO PERÍODO  
DE 1995 A 2021**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharela em Ciências Econômicas.

**ORIENTADOR:** Carlos Moisés Oliveira  
Chaves

**VITÓRIA DA CONQUISTA — BA**

**2022**

C331a

Carvalho, Isa Emanuelle Bispo de.

Análise dos Índices de Concentração da Indústria de Café Solúvel Nacional Direcionado ao Mercado Externo no período de 1995 a 2021. / Isa Emanuelle Bispo de Carvalho, 2022.

56f.

Orientador (a): Carlos Moisés Oliveira Chaves.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação), Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2022.

Inclui referências. F. 46 - 50

1. Indústria de café solúvel. 2. Estrutura-conduta-desempenho. 3. Agronegócio do café. I. Chaves, Carlos Moisés Oliveira. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. T.

CDD. 338.17373

**ISA EMANUELLE BISPO DE CARVALHO**

**ANÁLISE DOS ÍNDICES DE CONCENTRAÇÃO DA INDÚSTRIA DE CAFÉ  
SOLÚVEL NACIONAL DIRECIONADO AO MERCADO EXTERNO NO PERÍODO  
DE 1995 A 2021**

Trabalho monográfico apresentado ao Curso de Ciências Econômicas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito para aprovação na disciplina Monografia II e obtenção do grau de Bacharela em Ciências Econômicas.

Aprovada em 21/12/2022

**BANCA EXAMINADORA**

---

Carlos Moisés Oliveira Chaves  
Orientador

---

Delza Rodrigues de Carvalho  
Examinadora

---

Ronan Soares dos Santos  
Examinador

*Dedico aos meus pais, Edimilson Carlos Souza de Carvalho e Isadôra Pereira Bispo de Carvalho, que foram constantes em amor, cuidado e apoio.  
Aos meus irmãos, Ian Carlos, Ianne Eduarda e Carlos Eduardo, pelo companheirismo, carinho e atenção.*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, pelas misericórdias e bênçãos derramadas em minha vida.

Ao meu orientador, Carlos Moisés, que gentilmente aceitou partilhar esta caminhada comigo, que compreendeu meus limites, acreditou em mim e zelou pela minha saúde mental e física. É uma honra tê-lo conhecido e ter sido sua orientanda.

Aos meus amigos da graduação, por toda parceria, convívio e por não soltar minhas mãos quando eu mais precisei, André, Aléxia, Augusto, Guilherme, Hudson, Sâmya e Yan.

Às minhas amigas de república, Zilda, Joanna e Eveline, que foram boas ouvintes nos momentos mais difíceis.

Aos meus queridos amigos, Ramon e Maritza, que me ajudaram a rir mesmo quando o tempo era de choro.

Às minhas amigas de infância, Luíza e Cristina, que sempre me inspiraram a seguir em frente e me mostraram que o sinal que eu pensava ser um ponto final, era na verdade um ponto de continuação.

Às minhas queridas amigas Jaianne e Gabrielly, que mesmo distantes fisicamente, fizeram-se presentes em alma.

Aos amigos cultivados durante minha estada no Programa de Educação Tutorial e ao professor tutor Gildásio Santana Junior.

Aos professores e professoras que contribuíram para o meu desenvolvimento intelectual.

À Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Campus Vitória da Conquista, por proporcionar a oportunidade de realizar a graduação.

À Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel, especialmente, à Aginaldo Lima, Diretor de Relações Institucionais, pela disponibilização dos dados que foram essenciais para a construção deste trabalho monográfico.

## RESUMO

A indústria de café solúvel brasileira é relevante ao ocupar a posição de liderança no mundo, além de permitir a manutenção e geração de trabalho e divisas. Dessa forma, apresenta-se a necessidade de analisá-la. A pergunta que este trabalho propõe é: como está organizado o mercado nacional exportador de café solúvel, quais dinâmicas concorrencias e o desempenho do setor no período de 1995 a 2021? Como hipótese se tem que o setor nacional de produção e exportação de café solúvel tem a estrutura de mercado concentrada, com dinâmicas concorrenciais oligopólicas e com ampliação dos indicadores de desempenho. Assim, o principal objetivo deste trabalho é o de investigar a forma de organização da estrutura de mercado do setor exportador de café solúvel brasileiro, as dinâmicas concorrenciais e o desempenho dessa indústria entre 1995 e 2021. Para isto, o estudo se apoia na análise hipotético-dedutiva, a partir do modelo Estrutura-Condução-Desempenho. Os dados foram obtidos por meio da Associação Brasileira de Café Solúvel, Conselho dos Exportadores de Café do Brasil e *United States Department of Agricultural*. Os resultados obtidos por meio dos índices Razão de Concentração (CR) das quatro maiores empresas, Herfindahl-Hirschman (HHI) e Hymer-Pashigian são que a indústria de café solúvel se configura como uma estrutura altamente concentrada e desigual, além de verificar que não houve modificações significativas nem na estrutura e, tampouco, no padrão de concorrência já estabelecido. Em relação à condução, pode-se constatar que há um esforço conjunto das empresas do setor por meio das associações representativas e que não se percebeu comportamento concorrencial danoso aos ganhos. Para examinar o desempenho do país na exportação desse produto se avaliou a participação das exportações de café solúvel do Brasil no mercado internacional e se calculou a taxa de crescimento das quantidades exportadas. Como resultados obtidos se tem que o setor passou por uma perda de participação acentuada no mercado mundial e com taxas de crescimento positivas na maioria dos anos. Dessa forma, confirma-se a hipótese, de maneira parcial, visto que o mercado apresentou uma estrutura concentrada e com dinâmicas concorrenciais oligopólicas. Entretanto, em relação ao desempenho, pode-se verificar que houve ampliação das quantidades exportadas na maior parte do período, mas não foi suficiente para acompanhar o crescimento do mercado externo.

**Palavras-chave:** Indústria de café solúvel; Estrutura-conduta-desempenho; Agronegócio do café.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – Diagrama do Complexo Agroindustrial do café no Brasil .....</b>	<b>24</b>
<b>Figura 2 – Modelo Estrutura-Condução-Desempenho .....</b>	<b>28</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1 – Evolução da Razão de Concentração das Quatro Maiores Empresas Nacionais Exportadoras de Café Solúvel, em Porcentagem, entre 1995 e 2021 .....</b>	<b>35</b>
<b>Gráfico 2 - Evolução do Índice Herfindahl-Hirschman no Período de 1995 a 2021 .....</b>	<b>37</b>
<b>Gráfico 3 – Evolução do volume de exportação de café solúvel mundial e brasileiro, em números absolutos (1000 sacas de 60kg) – 1995 a 2021 .....</b>	<b>40</b>
<b>Gráfico 4 – Participação Relativa nas Exportações Mundiais de Café Solúvel no Período de 1995 a 2021. ....</b>	<b>41</b>
<b>Gráfico 5 – Evolução da Participação Relativa Brasileira nas Exportações de Café Solúvel em Percentual no Período de 1995 a 2021 .....</b>	<b>42</b>
<b>Gráfico 6 – Taxas de crescimento das quantidades exportadas de café solúvel brasileiro– 1995 a 2021 .....</b>	<b>43</b>

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1 – Cálculo do Índice de Concentração de Parcelas de Mercado para as Quatro Maiores Empresas Nacionais Produtoras e Exportadores de Café Solúvel, (CR4), entre 1995 e 2021 .....</b>	<b>35</b>
<b>Tabela 1A – Parcela Percentual de Mercado das Quatro Maiores Empresas Brasileiras de Café Solúvel – 1995- 2021.....</b>	<b>51</b>
<b>Tabela 2A – Índice de Herfindahl-Hirschman – 1995- 2021.....</b>	<b>52</b>
<b>Tabela 1B – Índice de Variabilidade.....</b>	<b>53</b>
<b>Tabela 1C – Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial – 1995- 2005.....</b>	<b>54</b>
<b>Tabela 2C – Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial – 2006- 2016.....</b>	<b>55</b>
<b>Tabela 3C – Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial – 2016- 2021.....</b>	<b>56</b>

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>1 O AGRONEGÓCIO DO CAFÉ NO BRASIL .....</b>	<b>16</b>
<b>1.1 A Formação do Agronegócio Brasileiro .....</b>	<b>16</b>
<b>1.2 Conceitos dos Termos Relacionados ao Agronegócio .....</b>	<b>20</b>
<b>1.3 O Complexo Agroindustrial Brasileiro do café .....</b>	<b>22</b>
<b>1.4 A Indústria de Café Solúvel Nacional.....</b>	<b>25</b>
<b>2 ASPECTOS METODOLÓGICOS .....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 O Modelo Estrutura-Condução-Desempenho .....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 Modelo Analítico.....</b>	<b>29</b>
2.2.1 Aspectos de Estrutura de Mercado .....	29
2.2.2 Aspectos de Condução .....	32
2.2.3 Aspectos de Desempenho .....	32
<b>2.3 Procedimentos Metodológicos e Fontes de Dados .....</b>	<b>32</b>
<b>3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....</b>	<b>34</b>
<b>3.1 Aspectos de Estrutura .....</b>	<b>34</b>
<b>3.2 Aspectos de Condução .....</b>	<b>37</b>
<b>3.3 Aspectos de Desempenho .....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>44</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>46</b>
<b>APÊNDICE A.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE B.....</b>	<b>53</b>
<b>APÊNDICE C.....</b>	<b>54</b>

## INTRODUÇÃO

Os grãos de café são extraídos do cafeeiro (*Coffea* sp.), que é uma cultura perene, com característica arbustiva e de porte médio, pertencente à família botânica *Rubiaceae*, o que permite ao fruto apresentar cores usualmente avermelhadas e algumas de tonalidades amareladas. No Brasil, cultiva-se as espécies café arábica (*Coffea arabica*) e o café conilon ou robusta (*Coffea canephora*) (GUERREIRO FILHO *et al.*, 2008).

Atribui-se à cultura do café grande importância na formação econômica do país<sup>1</sup> ao gerar divisas que permitiram o desenvolvimento da indústria. Principalmente, a partir das mudanças de produção do complexo cafeeiro. A atividade agrícola nacional produtora de café foi de extrema relevância entre 1889 e 1930, especialmente, por ser o principal produto de exportação nacional. Neste sentido, Silva (1998, p.7) afirma que “[...] a agricultura brasileira era o café”.

No entanto, a partir da Crise Econômica de 1929, bastante conhecida como “a quebra da Bolsa de Nova Iorque”, o comércio internacional do café experimentou um cenário caótico, com quedas acentuadas dos preços externos, de tal modo que o governo necessitou intervir de diferentes formas na tentativa de garantir a renda do principal setor produtivo nacional, que era a lavoura do café. A mais famosa entre elas é a realização da compra e estocagem da produção nacional de café, além de políticas cambiais cujo principal objetivo era proteger a renda do maior setor econômico brasileiro à época (BACHA, 2004).

Essas políticas protetivas não cessaram nas décadas seguintes a 1929, gerando efeitos distintos dos inicialmente pretendidos pela sua continuidade e pela característica perene da lavoura do café, ou seja, ao final da década de 1950 e início de 1960 se registra grande excedente produtivo nacional, cuja consequência mais direta seria a inevitável ampliação da oferta internacional e, conseqüentemente, a diminuição dos preços pelo excesso de oferta (FGV, s.d.).

Este excesso de produção de café provoca uma série de problemas para além da diminuição dos preços de venda no mercado internacional. Como aumentos dos estoques e dos custos produtivos da lavoura cafeeira, como mão-de-obra, fertilizantes, colheita e etc., visto que ampliação e correta forma de estocagem para manutenção de qualidade dos grãos implica em

---

<sup>1</sup> De acordo com Taunay (1939), a introdução do café no Brasil se deu em 1727, por meio do sargento-mor Francisco de Mello Palheta, incumbido pelo governador João da Maia da Gama de transportar as mudas e sementes de café arábica (*Coffea arabica*) do Suriname para Belém, capital do estado do Pará. Esta lavoura inicialmente se restringiu ao Pará e poucos estados do Nordeste, principalmente, Maranhão, Pernambuco e Bahia. Mas, logo alcançou o estado do Rio de Janeiro e, depois Minas Gerais e São Paulo.

aumentos dos custos com o armazém, equipamentos, administrativos, seguros, perdas, roubos, custos de transporte, com adequação e agilidade dos meios disponíveis, até a chegada ao destino final e com grande relevância no preço final do produto, além dos demais custos para manter a execução das atividades produtivas da lavoura. Desta forma, aumentou-se a preocupação com a formação da renda nacional do setor produtivo do café no Brasil, com a diminuição do preço do café no mercado internacional e a ampliação dos custos internos.

Desta preocupação sobre a ampliação dos estoques, dos custos e perdas para a renda do setor cafeeiro tomaram-se iniciativas de estabelecer as indústrias de torrefação e moagem e de café solúvel<sup>2</sup>, que permitia utilização desses excedentes produtivos e dos estoques já presentes, ampliação dos tempos de estocagem do café moído e solúvel, diminuição dos demais custos de manutenção e ganhos de valor agregado sobre o produto. Assim, foram fornecidos financiamentos de fundos públicos e incentivos ao consumo via subsídio de matéria-prima, em função da capacidade instalada (SAES e FARINA, 1999).

Tanto a indústria de torrefação e moagem quanto a indústria de café solúvel compõem o segmento processador da cadeia agroindustrial do café, que constitui um dos setores mais importantes da economia brasileira pela sua expressiva participação na geração de empregos e de renda, além de serem produtos estratégicos no comércio internacional (SEREIA *et al.*, 2008).

O segmento produtivo de café solúvel é parte importante do sistema agroindustrial brasileiro de café, com exportações de US\$560 milhões, em 2021, representando 8,2% dos valores de exportações do setor e quase 10% da quantidade total exportada. Nesse mesmo ano, o agronegócio do café ocupou a 5ª posição e representou 5,3% do agronegócio nacional, estando atrás somente do complexo soja, carnes, produtos florestais e sucroalcooleiro (CECAFÉ, 2022; MAPA, 2022).

De mais a mais, a indústria nacional de café solúvel é líder nas vendas globais do produto, desde a década de 1960, com participação em torno de 23% das exportações de café solúvel. Ou seja, as observações sobre este segmento do agronegócio do café já se justificariam pela sua importância monetária, manutenção e geração de trabalho, encadeamento produtivo, logística de distribuição dentre outras importantes considerações. Mas, também, como observa o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, 2022), pela ampliação da concorrência dos países asiáticos.

Neste sentido, não se torna menos importante destacar que em 2021 o café solúvel participou de 25% do consumo global de café no mundo. E que seu consumo deverá crescer a

---

<sup>2</sup> “[...] café solúvel é o produto resultante da desidratação do extrato aquoso obtido exclusivamente do café torrado através de métodos físicos, utilizando água como único agente extrator” (BRASIL, 1999).

taxas superiores a 2% a.a, decorrentes da melhora e incremento de sabores mais açucarados, menos ácidos e amargos do café solúvel, expansão do consumo de café em cápsulas com a modernização, miniaturização e barateamento de máquinas de café expresso, que permitiu a instalação do consumo doméstico, inclusão de novos mercados consumidores e, o desenvolvimento de novos nichos de consumo, especialmente entre os mais jovens. Logo, se infere a relevância e a oportunidade que se estabelece para todos os segmentos brasileiros envolvidos na produção, colheita, estoque e venda de café (PCG BRASIL, 2021; HUB DO CAFÉ, 2022).

A partir desta breve introdução é que se busca justificar a importância sobre compreender o mercado nacional de café e, de maneira mais particular, a indústria de café solúvel, suas estratégias e dinâmicas e seu desempenho nas exportações. Sendo assim, a pergunta de pesquisa que se propõe é: como está organizado o mercado nacional exportador de café solúvel, quais as dinâmicas concorrenciais e o desempenho do setor no período de 1995 a 2021?

O recorte temporal escolhido parte do intuito de expandir a análise da temática tratada no trabalho de Santos (1996), no qual se realizou a análise da estrutura, conduta e desempenho do mercado exportador brasileiro de café cru em grão e de café solúvel, entre o período de 1987 a 1994.

O objetivo mais amplo é caracterizar a estrutura do mercado do setor exportador de café solúvel brasileiro, apontar aspectos de concorrência e demonstrar o desempenho do setor de café solúvel de 1995 a 2021. De maneira mais específica pretende-se: i) caracterizar complexo agroindustrial, especialmente o complexo agroindustrial do café no Brasil; ii) indicar as principais formas de concorrência do setor; iii) apresentar o desempenho do setor de exportação do café solúvel nacional.

A hipótese principal desta pesquisa é que o setor nacional de produção e exportação de café solúvel tem a estrutura de mercado concentrada, com dinâmicas concorrenciais oligopólicas e com ampliação dos indicadores de desempenho, que serão analisados, especialmente, a participação da indústria de café solúvel brasileira no mercado internacional e as quantidades exportadas.

A pesquisa se apoia na análise hipotético-dedutiva, a partir do modelo Estrutura-Condução-Desempenho (ECD). Utilizaram-se informações obtidas por meio da Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS), Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (CECAFÉ) e *United States Department of Agricultural* (USDA).

Além desta introdução, esta monografia está organizada em outros três capítulos. A seguir, será caracterizado o complexo agroindustrial de produção, mais especificamente, o Complexo Agroindustrial do Café, com instalação da indústria de café solúvel no Brasil. No capítulo seguinte se apresenta os aspectos metodológicos, com maior atenção na definição dos conceitos relativos ao modelo ECD. Mais adiante, estão as discussões e análises dos resultados obtidos. E, por fim, serão apresentadas as considerações finais e apontamentos para pesquisas futuras.

## **1 O AGRONEGÓCIO DO CAFÉ NO BRASIL**

Este capítulo apresenta aspectos da formação do agronegócio brasileiro, especialmente, o agronegócio do café. Para em seguida se discorrer sobre conceitos e distinções de termos relacionados ao agronegócio. Por fim, se apresenta o Complexo Agroindustrial do Café (CAI - Café).

### **1.1 A Formação do Agronegócio Brasileiro**

Conforme Silva (1998), o processo produtivo agrícola brasileiro se organiza, inicialmente, sob a dinâmica do complexo rural, que se baseava em uma divisão social do trabalho pouco desenvolvida, com internalização dos meios de produção e com a produção orientada pela relevância comercial externa. Ou seja, a expansão da produção agrícola ocorria a partir da flutuação internacional do preço. Somente com os preços internacionais em queda que os meios de produção se voltavam para as atividades direcionadas ao consumo interno.

Esta forma de planejamento da produção nacional se transformou a partir da ampliação do trabalho livre, impulsionada pela proibição do tráfico negreiro e abolição da escravidão no país, ocasionando escassez de mão-de-obra, de modo que a atividade cafeeira sofre efeitos deletérios por ser intensiva em trabalho (BACHA, 2004). Assim, de acordo com Silva (1998), estas circunstâncias abrem espaço para outras formas e arranjos de trabalho produtivo.

A partir de 1870, especialmente na região oeste do Estado de São Paulo, a lavoura de café foi desenvolvida como atividade complementar a outras lavouras como, por exemplo, cana-de-açúcar (MARTINS, 2017).

Porém, brevemente as plantações de cana-de-açúcar foram substituídas pelas lavouras de café por conta da maior lucratividade em relação à atividade açucareira, adaptação às condições de clima, a disponibilidade significativa de terras e mão-de-obra, que neste caso seria assalariada, parceira ou colonos de parte das terras através de doações do Governo Estadual e Federal (BACHA, 2004).

Conforme Martins (2017), em 1890, a cafeicultura brasileira exercia forte influência na oferta mundial, com participação em torno de 70% do café comercializado no âmbito internacional. Sua importância na geração de renda brasileira se ampliou com as altas significativas de preços do café no mercado internacional entre 1886 e 1895. Entretanto, o cenário apresenta mudança quando ocorre a crise de superprodução, em 1897, gerando um quadro persistente de crise, especificamente, nos anos de 1906, 1917 e 1921.

A crise de superprodução se acentuou em 1906, o que induziu a criação do Convênio de Taubaté<sup>3</sup> entre São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, que permitiu obter resultados positivos como o aumento do preço do café e das divisas geradas pelas exportações, assim como 10 milhões para a Caixa de Conversão<sup>4</sup>. Dessa forma, houve novamente a ampliação do plantio de café (BACHA, 2004).

Em 1917, com excesso produtivo e preços internacionais declinando ocorre nova intervenção governamental por meio da compra de, aproximadamente, três milhões de sacas de café. Em 1918, ocorreu forte geada que prejudicou vigorosamente a produção, gerou, novamente, diminuição de colheita e estoque, que pela importância relativa da produção brasileira nas exportações mundiais de café, fez com que o preço internacional se elevasse. Então, pela falta de política regulatória sobre a produção ocorre, mais uma vez, superprodução em 1921. E, novamente, o governo federal aplica a política de compra dos excedentes produtivos para garantir os preços internacionais de café (MARTINS, 2017).

De acordo com Furtado (2005), esse mecanismo agiu com relativa eficiência de 1929 a 1930. Mas, não se deve perder de vista que a orientação da produção agrícola nacional era orientada pela dinâmica externa. E, a Crise de 1929 alterou significativamente os padrões de trocas internacionais. Demonstrando a alta vulnerabilidade da produção agrícola nacional às flutuações internacionais de preço.

Consequência da Crise de 1929, o governo determina política de desvalorização cambial, que ampliou os preços dos bens importados e tornou competitivos os preços dos produtos internos. Estas circunstâncias demonstraram fortes apelos à industrialização nacional que acompanhavam transformações na estrutura agrícola brasileira com a passagem atividade produtiva centralizada na produção de café para produção mais diversificada impulsionada pelo processo de substituição de importações (BACHA, 2004). Em outras palavras, o percurso traçado historicamente para se chegar à dinâmica atual do agronegócio não se apresenta sem percalços.

Pari passu a este processo de transformação da estrutura produtiva nacional, Silva (1998) destaca um novo regime de trabalho produtivo denominado de colonato. O colono era proprietário de uma pequena parcela de terras, que deveriam prover parte do consumo familiar de alimentos. O restante da sobrevivência poderia ser atendido pelo trabalho assalariado

---

<sup>3</sup> O Convênio de Taubaté consistiu no intuito de valorizar o café, em que o governo garantia o preço do café através da compra do excedente da produção. Além disso, os governantes de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais se comprometeram a desestimular novos cultivos e incentivar o consumo interno e externo (BACHA, 2004).

<sup>4</sup> Funcionava como uma espécie de banco, no qual se buscava manter o valor da moeda nacional estável em relação à moeda estrangeira de referência (libra esterlina).

temporário nas outras fazendas da região. Essa mudança do trabalho impôs um conjunto de demandas por bens-salário, como alimentos, roupas, mobílias, máquinas, equipamentos e insumos para evolução da produção agrícola do colono, por exemplo. Daí, novos instrumentos de financiamento e expansão do crédito foram necessários para ampliação de meios de transporte, outras indústrias, inclusive a têxtil.

Ainda de acordo com Silva (1998), acontece significativa mudança da dinâmica agrícola com a ampliação, diversificação, modernização e transformação da produção agrícola e industrial. Decorrem incrementos na oferta interna de veículos motorizados, ampliação da infraestrutura de transportes, desenvolvimentos tecnológicos, especialmente com a utilização de insumos fabricados industrialmente, com destaque para a indústria nacional de fertilizantes. Diminui-se a orientação produtiva do mercado externo e se amplia a importância do mercado interno na decisão sobre “o que produzir?”, embora o mercado externo ainda determinasse de forma importante sobre “como produzir?”. O avanço na divisão social do trabalho ocorre na direção da consolidação da indústria de fertilizantes e na instalação da maquinaria agrícola, nos anos 1950 e, na ampliação das relações produtivas entre os diferentes setores produtivos nacionais, ampliando o uso de bens de capital e aumentando a complexidade produtiva.

No pós-guerra, a agricultura passou a internalizar a produção gradativamente, mas ainda persistia a dependência dos instrumentos externos. Como foi dificultada a importação, por efeito da dessa guerra, continuou-se o processo de substituição de importações de produto industrializado (MARTINS, 2017).

Em 1950, inicia-se a fase de modernização da agricultura, que não se podia operar em passos largos devido à dificuldade do país de internalizar a produção de insumos necessários à produção. Assim, “[...] o processo de modernização reflete-se na elevação do consumo intermediário na agricultura, demonstrando que a agricultura crescia em sua dependência de compras industriais para a produção de suas mercadorias.” (SILVA, 1998, p. 21).

Atrelado a essa fase de modernização da agricultura e uma mudança qualitativa no padrão de seu desenvolvimento, acontece na década de 1960 um conjunto de condições macroeconômicas e políticas internas para a constituição dos complexos agroindustriais (CAI's) e o processo de integração de capitais intersetoriais pelo capital financeiro. A constituição dos Complexos Agroindustriais é tida “[...] a partir da integração técnica intersetorial entre indústrias que produzem para agricultura, a agricultura propriamente dita e as agroindústrias processadoras [...]” (SILVA, 1998, p.31).

De acordo com Bacha (2004) o processo de modernização foi acelerado no período de 1965 devido à agropecuária, que ao se modernizar, estimulou a produção nacional de

equipamentos e insumos agropecuários. O aumento no uso de fertilizantes e do desenvolvimento da mecanização foi oportunizado pelos créditos subsidiados direcionados para a compra destes bens.

Assim, a partir dos anos 1970, o processo de integração agricultura-indústria permitiu à agricultura se diferenciar, pela modernização setorial e pela integração de capitais, entretanto, é durante a década de 1980 que ocorre a consolidação desse processo (PAULILLO, 2009).

Com o fortalecimento desse processo, pode-se salientar que o setor que antes era tido como autônomo passa a integrar a matriz de relações interindustriais, que se baseia em um funcionamento conjunto e interligado às indústrias, de modo que se estabelece um novo padrão e irrompe uma nova dinâmica da agricultura brasileira. Essa nova dinâmica passa a ser determinada pela constituição de um conjunto de complexos particulares – complexos agroindustriais- e da industrialização da agricultura. Nesse sentido, a constituição dos CAI's e a industrialização da agricultura passam a determinar a dinâmica da agricultura (SILVA, 1998).

A essa altura, a dinâmica da produção agrícola estava orientada pelo padrão de acumulação industrial, com a indústria de insumos e processamento de matérias-primas oferecendo as condições necessárias à expansão do conjunto. Em outras linhas, se poderia dizer que a produção agrícola passou a constituir um elo de uma cadeia produtiva, constituindo o que se conhece hoje como Complexo-Agroindustrial. A formação de Complexos-Agroindustriais (CAI's) decorre de necessidades técnicas de continuidade de produção e integra capitais industriais, bancários e agrários, formando novos conglomerados produtivos (SILVA, 1998).

Segundo Albuquerque *et al* (1987), a produção e exportação do café contribuiu para a acumulação de capital necessária e permitiu, para além da expansão do próprio café, a diversificação da economia como um todo, pois ocorria a transmissão dos capitais processados no setor cafeeiro para os demais setores. Ainda neste sentido, Cano (2007), afirma que a partir do desenvolvimento do complexo cafeeiro se amplia a urbanização com atividades para além da propriedade cafeeira, com formação de estabelecimentos industriais e o desenvolvimento do mercado interno.

Essas transformações permitiram o desenvolvimento dos complexos agroindustriais, de modo que o agronegócio brasileiro tivesse a configuração que se tem hoje. A partir dessa nova dinâmica estabelecida, a agroindústria do café se desenvolve, de maneira que acontece o desdobramento dos segmentos indústria de café torrado e moído e do café solúvel.

No próximo tópico serão tratados sobre os termos que fazem parte do agronegócio, de modo a contribuir para melhor compreensão de como se estabelece o complexo agroindustrial do café e o porquê de se utilizar a expressão complexo.

## 1.2 Conceitos dos Termos Relacionados ao Agronegócio

De acordo com Araújo (2003), o termo agricultura, por muito tempo, foi utilizado para compreender a produção agropecuária desde os insumos até a industrialização e a distribuição dos produtos obtidos. Entretanto, devido às transformações ocorridas na dinâmica agrícola, classificá-la desta forma é insuficiente para compreender as relações intersetoriais existentes entre o setor e os demais setores produtivos, sejam a montante ou a jusante.

Segundo Chaves *et al* (2020), a análise da produção agrícola não pode mais ignorar as conexões entre os diferentes segmentos produtivos envolvidos desde a indústria de insumos até o consumidor-final. Especialmente, após Davis e Goldberg (1957) desvendarem os fluxos produtivos envolvidos e cunharem o termo *agribusiness*, demonstrando que a avaliação da produção agrícola deve ser contínua ao longo de toda a cadeia produtiva. Essa forma de estudar a produção agrícola, embora seja mais complexa, contribui em dois sentidos principais, a saber, o primeiro é o reconhecimento de que a geração de valor agrícola é fruto da cooperação entre diferentes agentes econômicos que atuam em diversos setores da economia (ZYLBERSZTAJN; GIORDANO, 2015). Por isto, a análise da produção e dos valores gerados deve ser feita por toda a extensão da cadeia produtiva. O segundo sentido é que a atividade agropecuária, normalmente utilizada como exemplo de mercado em competição perfeita, passa a ser percebida como um sistema produtivo em que seus integrantes possuem assimetrias de tamanhos, capacidades e poderes capazes de influenciar toda a cadeia de produção, numa relação causal e bidirecional entre o número e o tamanho dos agentes (estrutura do mercado), a forma ou a ausência de concorrência entre eles (conduta) e os resultados alcançados (desempenho) (MORAES, 2015).

Atualmente, a forma de tratar as mudanças no setor agrícola passa pela caracterização do *agribusiness*, termo apresentado por Davis e Goldberg (1957, *apud* LEÃO, 2010) que engloba o processo produtivo, o beneficiamento ou transformação do bem primário e a distribuição dos produtos agrícolas ao mercado. No Brasil, esse conceito foi difundido, a partir de 1980. E, somente na década de 1990 se adota o termo agronegócios para denominar os aspectos de produção intersetorial presentes no *agribusiness* (ARAÚJO, 2003). Essa denominação é importante para se perceber e compreender que diversos segmentos produtivos estão articulados numa mesma dinâmica produtiva, em função da qual as firmas passam a se organizar e definir suas estratégias gerenciais, comerciais e inovativas.

Esta visão sistêmica deve levar em consideração a interdependência entre os diferentes atores econômicos. Por isto, segundo Batalha e Silva (2009), Goldberg evolui sua análise a partir do modelo Estrutura-Condução-Desempenho (ECD) ao incorporar as características de organização dos diferentes mercados, suas estratégias ou condutas e as formas de desempenho.

Nesta mesma direção, na década de 1960, Louis Malassis adota nova abordagem sobre o Sistema Agroindustrial ou *Filière*, caracterizando subsetores e industriais à montante, como fornecedores de serviços e meios de produção aos agricultores e, industriais à jusante encarregada da transformação da produção agrícola e distribuição dos alimentos. Ou seja, a forma como se organiza e caracteriza as relações e interrelações da produção agrícola decorre dos itinerários seguidos por um determinado produto dentro do sistema de produção-transformação-distribuição e aos diferentes fluxos que a ele estão ligados (SILVA, 1998).

Em outros termos, a análise de *filière*, segundo Batalha e Silva (2009) pode ser traduzida como cadeia de produção, e no caso específico do setor agroindustrial, cadeia de produção agroindustrial ou cadeia agroindustrial (CPA). Morvan (1985, *apud* ARAÚJO, 2003) define *filière* como uma sequência de operações que levam a produção de bens, sendo influenciadas diretamente pelo nível tecnológico e pelas estratégias empresariais empregadas pelos agentes visando à maximização de lucros.

Segundo Zylbersztajn (1995), tanto o conceito de *agribusiness* quanto o de *filière* compartilham de uma visão sistêmica. Entretanto, a análise de ambas é divergente, dado que o primeiro foca nas estratégias das firmas, enquanto o último analisa os fluxos para compreensão da competição na indústria. A visão sistêmica é apontada com uma reunião de combinação de elementos que formam um todo complexo. Principalmente, a partir do fenômeno da integração de mercados, o que comumente se denominou de globalização, o conceito de sistema produtivo permite a interpretação e concepção de atividades econômicas que atendam tanto ao mercado interno e externo.

Desta maneira, torna-se necessário identificar os conceitos que refletem os níveis da complexidade da produção agroindustrial, porque, como afirma Batalha e Silva (2009), há certa confusão ao empregar as expressões presentes no âmbito do agronegócio, pois, apontam para o mesmo objeto, entretanto, divergem em relação aos níveis estruturais aos quais se referem. Ou seja, a produção agroindustrial abrange todos os fatores que atuam no contexto agroindustrial, compreendendo a dinâmica e ordenando-a para beneficiar todos os atores envolvidos (CALLADO e CALLADO, 2015).

Assim, o Sistema Agroindustrial (SAI) é apontado por Callado e Callado (2015) como conjunto de atividades que percorre o caminho da produção de insumos até a obtenção de

produto final, não se atendo ao nível de sofisticação, base tecnológica ou processo de transformação aos quais tenham sido submetidos. Além disso, Batalha e Silva (2009) apontam para a não ligação específica do SAI com nenhuma matéria prima agropecuária ou produto final.

Por outro lado, a concepção de complexo agroindustrial (CAI) apresentada por Callado e Callado (2015) é de arranjo produtivo que parte de uma determinada matéria-prima de base, passando por diferentes processos industriais, de beneficiamento e comerciais alternativos até se transformar em produto-final. Esse arranjo diverge da cadeia de produção, pois, conforme Batalha e Silva (2009), a cadeia de produção parte da identificação de um produto final como referência e deste ponto passa a identificar os encadeamentos presentes na produção.

Assim sendo, optou-se por utilizar a expressão complexo agroindustrial (CAI), visto que do café em grão, que ao passar por certos processos de beneficiamento, chega-se ao café solúvel, objeto de análise deste estudo, que é um componente do segmento de processamento industrial do CAI Brasileiro do café.

### **1.3 O Complexo Agroindustrial Brasileiro do café**

O Complexo Agroindustrial (CAI) Brasileiro do café se compõem de um conjunto de segmentos que se interligam por meio de transações efetuadas entre os agentes e que apresenta singularidade em suas relações e seus elementos. Saes e Farina (1999) identificaram os agentes e os segmentos do CAI Brasileiro do Café e discorreram sobre as relações entre os agentes de cada segmento.

Entretanto, cabe salientar que transformações podem ocorrer no CAI Brasileiro do Café, uma vez que as relações dos agentes não são fixas. E a complexidade das relações do CAI Brasileiro do Café não são lineares, em que se pode medir sua eficiência a partir de como se desenvolve o relacionamento dos agentes (ZYLBERSZTAJN, 2000). Neste sentido, por exemplo, Conceição *et al* (2019) demonstram que outros segmentos relativos ao CAI Brasileiro do café podem ser suprimidos ou acrescidos a partir do desenvolvimento ou incremento tecnológico ou de consumo, como o segmento de cafés encapsulados.

A Figura 1 apresenta a percepção do CAI Brasileiro do Café desenvolvida por Saes e Farina (1999) e os possíveis direcionamentos e inter-relações presentes. As autoras salientam que as relações dos agentes são complexas e que essa complexidade advém das estratégias que são adotadas pelos agentes de cada segmento.

Desta forma, o CAI Brasileiro do café compreende os seguintes componentes: a) fornecedores de insumos, máquinas e equipamentos; b) produção primária; c) primeiro processamento; d) segundo processamento; e) vendedores nacionais; f) compradores internacionais; g) varejo nacional e internacional.

Pode-se perceber nos interfluxos do CAI Brasileiro do Café que o café ao ser processado origina três produtos, a saber: o café torrado, o café torrado e moído e o café solúvel. E a partir desses são fabricados os subprodutos conhecidos como 3x1 (mistura de café instantâneo, chocolate em pó e leite em pó) e 2x1 (mistura de café solúvel com leite em pó) que são comercializadas na forma de *cappuccino* e café com leite, respectivamente, e os *soft drinks*.

As relações de transações entre os segmentos se estabelecem da seguinte forma: os fornecedores de insumos, máquinas e equipamentos ligam-se à produção primária de café, ao suprir a demanda de equipamentos, fertilizantes, defensivos, mudas, dentre outros, definindo a primeira transação (T<sub>1</sub>).

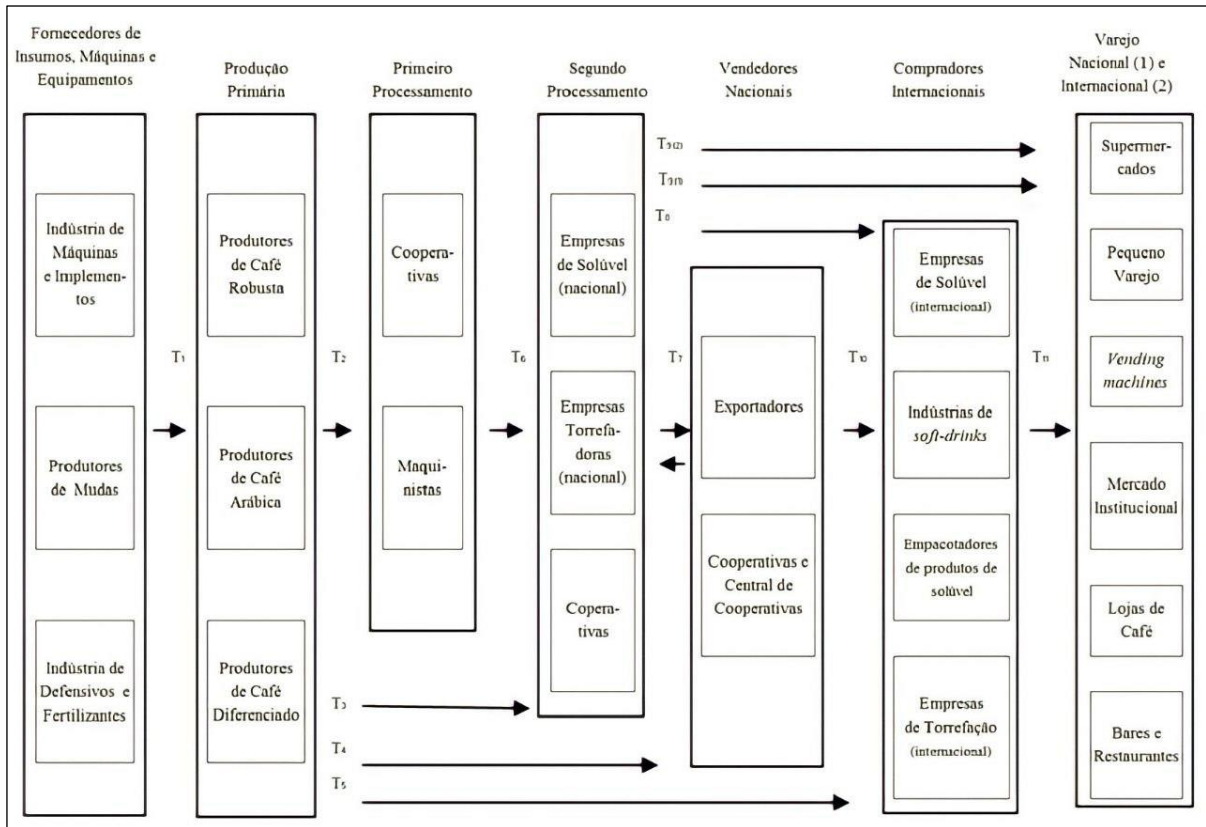
A segunda transação (T<sub>2</sub>) é concebida a partir do produto primário e do primeiro processamento realizado, em parte, por intermediação das cooperativas. O segmento do produto primário tem por agente os produtores rurais, compondo a etapa que envolve o plantio, manejo, colheita do café, enquanto o primeiro processamento é composto por cooperativas, que beneficiam e comercializam os grãos de café, e pelos maquinistas, que são os prestadores de serviços para os produtores. Deve-se alertar que segundo Saes e Nakazone (2002) este último é apontado como um serviço que estaria em decadência, pois a intermediação realizada pelas cooperativas cresceu consideravelmente.

Do primeiro processamento para o segundo processamento ocorre a (T<sub>6</sub>) e (T<sub>3</sub>), no qual são fornecidos os grãos para que seja realizado o beneficiamento e/ou transformação do café verde. O segundo processamento é composto pelas indústrias de torra e moagem, firmas de café solúvel e cooperativas. Esta última beneficia o grão verde, mas também podem realizar o processo de torra e moagem.

Da produção rural, o café beneficiado pode ser transacionado diretamente para os vendedores nacionais e/ou para os compradores internacionais (indústria de café solúvel, de torrefação e moagem, *soft-drinks* e empacotadores de produtos de solúvel) – (T<sub>4</sub>) e (T<sub>5</sub>). A parte torrada e moída tem a maior parcela direcionada para o mercado interno (T<sub>9</sub> (1)) e uma parte ínfima para o mercado internacional (T<sub>7</sub> e T<sub>9</sub> (2)). A parte transformada em solúvel se configura numa dinâmica inversa, dado que este se destina, de forma majoritária ao mercado externo (T<sub>7</sub>, T<sub>8</sub> e T<sub>9</sub> (2)), enquanto uma parte pequena é destinada ao mercado nacional (T<sub>9</sub> (1)). À vista disso, escolhe-se direcionar a análise para o setor de exportação de café solúvel.

O comportamento dos vendedores nacionais (exportadoras e cooperativas) é o de vender para os compradores internacionais, estabelecendo a (T<sub>10</sub>). Também pode ocorrer à venda pelos vendedores nacionais para o segmento segundo processamento, estabelecendo a relação inversa (T<sub>7</sub>). Por fim, os compradores internacionais vendem para o varejo internacional (T<sub>11</sub>).

**Figura 1 – Diagrama do Complexo Agroindustrial do Café no Brasil**



Fonte: Saes e Farina (1999)

#### 1.4 A Indústria de Café Solúvel Nacional

O contexto que antecede a implantação da indústria de café solúvel no Brasil é marcado por um ciclo de excedente de café iniciado em 1956. Em 1959 e 1960, a produção de café chegou a 44 milhões de sacas e os estoques cresceram (FGV, s.d.). Diante disso, foram apresentadas vantagens em se produzir o café solúvel no país, a saber, menor peso e volume, facilidade de transportar, tempo de estoque prolongado sem ocasionar estragos, oportunidade de alcance de novos mercados.

A introdução dessa indústria em território brasileiro se deu por meio da iniciativa governamental, assim como ocorreu na Colômbia e Equador. Dessa maneira, as instalações das primeiras fábricas aconteceram na década de 1960, com capital interno, proporcionado pelo Programa de Incentivo à Produção de Café Solúvel, anunciado pelo Instituto Brasileiro de Café (IBC), estabelecida pela Resolução nº 195 de 24 de junho de 1961 (A RURAL, 1961).

Segundo Talbot (1997), a necessidade de se produzir esse produto parecia lógica, visto que funcionaria como estratégia de desenvolvimento e diversificação das exportações, além do que o Brasil era o maior produtor mundial de café da época e estava em fase de substituição de importações.

Já Nishijima e Saes (2010) argumentam que se tinha a necessidade de reduzir os altos custos dos estoques de café verde que não se classificavam para responder à demanda externa. Sendo que os *grinders*, que são grãos quebrados ou pequenos, alcançaram sete milhões de sacas, correspondendo a mais de 25% da produção anual brasileira na década de 1960. Assim, o café solúvel se apresentou como solução para o aproveitamento desses *grinders*.

Ainda, Ponciano (1995) afirma que a disponibilidade da matéria-prima barata oportunizou o rápido crescimento da produção de café solúvel. E, como no Brasil o consumo do café era tradicionalmente voltado para o café torrado e moído, não se apresentou espaço para a disseminação do café solúvel no âmbito interno. Nesse sentido, a produção de café solúvel foi destinada aos mercados externos, principalmente para os Estados Unidos. Deste modo, o objeto de análise deste trabalho se pauta no setor externo de café solúvel, visto que o mercado interno apresenta pouca expressividade na demanda desse produto.

Assim, as duas primeiras fábricas direcionadas à exportação de café solúvel foram fundadas em 1965, a saber, a Dominion S. A. Café Solúvel e a Companhia Cacique de Café Solúvel, sendo que esta última iniciou suas atividades no ano de 1966. Com a expansão da produção, a Vigor e Frusol foram abertas em 1966. Em 1969, mais cinco fábricas foram implantadas e, nesse mesmo ano, as empresas brasileiras capturaram 14% do total de mercado

de café solúvel dos Estados Unidos. Já no final da década de 1970, alcançou-se um total de onze empresas produtoras de café solúvel no Brasil com uma capacidade de produção instalada considerada expressiva (TALBOT, 1997).

À medida que os anos se passaram, a indústria de café solúvel se desenvolveu e se transformou, de modo que o país se consolidou como líder na produção e exportação desse produto. A seguir, são apresentados os aspectos metodológicos para análise estrutural de organização do CAI Brasileiro do Café.

## 2 ASPECTOS METODOLÓGICOS

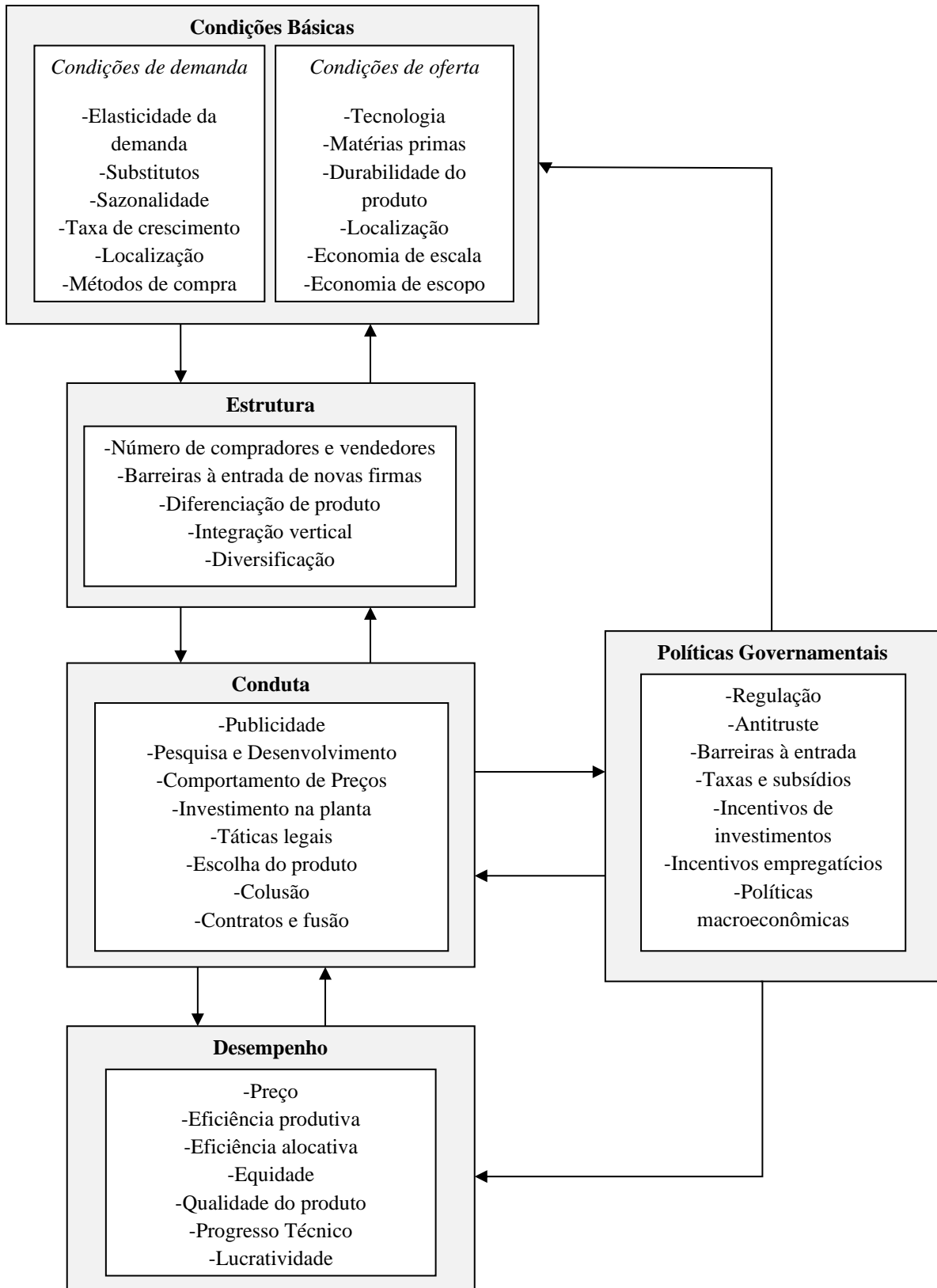
### 2.1 O Modelo Estrutura-Condução-Desempenho

Segundo Kon (1994), a renovação do interesse pela concorrência imperfeita deu-se a partir da intensificação do processo de centralização e concentração de capitais verificados no início do século XX, que redundou no crescimento das empresas e na formação de mercados com um pequeno número de vendedores rivais entre si. Daí, a partir da década de 1960, originou-se diversos estudos econométricos sobre estrutura e desempenho das indústrias, por Weiss, Scherer, Comanor, Wilson e Shephard. Após 1970 surgem três linhas de pesquisa. A primeira estabelece estudos teóricos de modelagem estratégica. A segunda desenvolve os argumentos da teoria da “contestabilidade” de Baumol-Baily-Willig. Já a terceira situa a relação entre a estrutura de mercado como função da condução e do desempenho das empresas e de condições externas às mesmas. É sobre esta terceira linha de pesquisa que se apoia a metodologia desta monografia.

De acordo com Martin (1993) o paradigma Estrutura-Condução-Desempenho (ECD) discute o exercício privado do poder de monopólio como uma característica persistente em muitos mercados. E, para Sedyama *et al* (2013), sua análise tem como principal objetivo a alocação dos recursos escassos sob as hipóteses de equilíbrio e maximização do lucro.

Na Figura 2 se caracteriza o modelo ECD, desenvolvido por Carlton e Perloff (1999). Por meio dele é possível traçar a relação contínua, em que a ideia básica é que as condições de mercado (oferta e demanda) influenciam a estrutura de mercado. Deste modo, a partir da estrutura do mercado as firmas terão um comportamento estratégico de competição, que irá influenciar no desempenho da indústria. O modelo espera que se uma estrutura de mercado se aproximar do monopólio seu desempenho será pior (SEDIYAMA *et al.*, 2013).

**Figura 2 – Modelo Estrutura-Conduto-Desempenho**



Fonte: Carlton e Perloff (1999) (Tradução própria)

## 2.2 Modelo Analítico

### 2.2.1 Aspectos de Estrutura de Mercado

A variável estrutura pode ser definida como a forma de organização do mercado e pode ser determinada, especialmente, pelo número e tamanho de vendedores e compradores, barreiras à entrada e saída de concorrentes no mercado, integração vertical, diversificação e grau de diferenciação do produto que de acordo com Chaves (2000), podem ser medidas pela cobrança do preço mais alto que não atraia novas firmas concorrentes.

Marques e Aguiar (1993 *apud* SANTANA, 2003) apontam que para se medir o poder de mercado das firmas se utiliza o índice de concentração, sendo resultado derivado do processo de levantamento do número e do tamanho dos vendedores e compradores presentes no mercado. Espera-se, segundo Resende e Boff (2013), que por meio dessas medidas de concentração sejam captadas de que forma os agentes econômicos apresentam um comportamento dominante e, assim, os diferentes indicadores considerem as participações no mercado dos agentes segundo diferentes critérios de ponderação.

Marques e Aguiar (1993 *apud* CHAVES, 2000) evidenciaram algumas dificuldades encontradas na construção de índices que revelam o legítimo poder de mercado das empresas. Em primeiro lugar, a escolha da unidade de medida a ser usada, ou seja, qual a variável da firma mais importante na determinação de seu poder de mercado. As variáveis mais utilizadas são as vendas, entretanto não levam em conta as diferenças de graus de integração vertical entre as firmas. Além disso, pode-se utilizar o número de empregados para realizar o cálculo do índice de concentração, todavia, torna-se um aspecto negativo ao não se considerar as variações da razão capital/trabalho. Outras variáveis ainda podem ser utilizadas. Este foi o caso de um trabalho desenvolvido por Aguiar (1994), no qual foi usada a capacidade industrial. Nesta monografia, a disponibilidade de informações sobre a quantidade e o valor das exportações foram as variáveis escolhidas para se determinar o grau de concentração do CAI Brasileiro do Café.

As medidas de concentração podem ser classificadas como: parciais ou sumárias, positivas ou normativas. No que se refere às medidas parciais, são aquelas que utilizam apenas uma parte dos dados da totalidade das empresas em operação na indústria em consideração, como por exemplo, as razões de concentração (CR). Em relação às medidas sumárias, são aquelas que requerem dados sobre todas as empresas em operação, a exemplo os índices de

concentração de Herfindahl - Hirschman (HH, ou H, ou HHI) e entropia de Theil. As medidas positivas são unicamente função da estrutura aparente do mercado industrial (o nível e a distribuição das parcelas de mercado), e as medidas normativas consideram a estrutura aparente e os parâmetros comportamentais que estão relacionados com as preferências dos produtores ou consumidores (SEDIYAMA *et al*, 2013). Nesta monografia se optou por se realizar os cálculos dos índices de concentração CR e HHI.

O cálculo da concentração das “K” maiores firmas é dado por:

$$CR(K) = \sum_{i=1}^K S_i$$

Em que  $S_i$  é a parcela de mercado da  $i$ -ésima firma e  $K$  o número de firmas.  $S_i$  é definida como:

$$S_i = \frac{q_j}{\sum_{j=1}^n q_j}$$

Em que:  $q_j$ = vendas em termos de quantidades, valor das vendas, número de empregado, faturamento, compras de insumos, ou outras formas de medidas do tamanho da firma, como Imposto de Renda Pessoa Jurídica etc (CHAVES, 2000).

A partir dos valores encontrados para o índice de concentração, BAIN (1968 *apud* SANTOS, 1996) sugeriu a seguinte classificação: a) mercado altamente concentrado, quando o  $CR4 > 75\%$ , tipo I; b) mercado de alta concentração, quando  $65\% < CR4 < 75\%$ , tipo II; c) mercado moderado, quando  $50\% < CR4 < 65\%$ , tipo III; d) mercado de baixa concentração, quando  $35\% < CR4 < 50\%$ , tipo IV; e) concentração ausente, quando o  $CR4 < 35\%$ , tipo V; e, f) mercado claramente atomístico, quando o  $CR4$  está em torno de 2%, tipo VI.

No entanto, é possível observar algumas deficiências dos índices CR como ignorar a presença das  $n-k$  empresas menores da indústria; não levar em conta a participação relativa de cada empresa no grupo das  $k$  maiores empresas; não informar sobre a alteração da posição das firmas dentro do ranking (*turnover*); e ignorar o papel das importações (RESENDE e BOFF, 2013). Por isto, se considerar algum outro critério mais rigoroso, essa classificação pode não ser a mais adequada para a avaliação do grau de concentração de um mercado qualquer. Neste caso, é recomendável o uso do Índice de Herfindahl - Hirschman (HHI).

Nesta ordem, o índice de Herfindahl - Hirschman (HHI) também é bastante utilizado e é definido como a soma do quadrado das parcelas de mercado das firmas, o que faz as firmas menores contribuírem menos que proporcionalmente para o seu valor. Este índice pode ser representado pela seguinte equação:

$$HHI = \sum_{i=1}^n (S_i)^2$$

Em que “ $n$ ” é o número total de firmas no mercado.

Assim, configura-se o comportamento do índice da seguinte maneira:  $HHI = 1$  representa o valor máximo que se pode alcançar (monopólio). À proporção que aumenta o número de firmas no mercado, o valor de HHI tende a diminuir e quando houver uma desigualdade entre o tamanho das firmas, dado qualquer número de firmas, o valor de HHI tende a aumentar. Ou seja, este índice representa tanto o número de firmas, que participam do mercado, quanto à desigualdade entre elas (MARTIN, 1993 *apud* CHAVES, 2000).

Em estudos empíricos, geralmente, apresenta-se uma correlação consideravelmente grande entre o CR e o HH, o que sugere que ambos permitem constatar o grau de concentração do mercado, embora, o CR seja mais fácil de calcular que o HH, dado que, para realizar seu cálculo se necessita somente das informações sobre um número determinado das maiores empresas do mercado (MARTIN, 1993 *apud* CHAVES, 2000).

O grau de concorrência relaciona-se não só com as medidas de concentração relativas das firmas no mercado, mas também, como sua posição evolui no tempo (*turnover*). De acordo com Santos (1996), presumindo que as razões de concentração são uma *proxy* em mercados competitivos e monopolísticos, torna-se importante verificar as alternativas de estudo a respeito dos efeitos da concentração sobre os vários aspectos do desempenho, que indicaria a intensidade de competição das firmas, dentro da indústria. No entanto, deve-se guardar cautela com esta medida que pode decorrer de uma alteração *per si*, ou por mudança na identidade do grupo dirigente da firma.

Para Hymer e Pashigian (1962), o fenômeno significativo tanto do ponto de vista econômico quanto estatístico não está associado à alteração na posição das firmas, mas às modificações que se processam em suas parcelas de mercado. Os autores propõem uma medida alternativa, o índice de instabilidade da parcela de mercado.

O índice de instabilidade de Hymer-Pashigian é definido por:

$$I = \frac{1}{2} \sum_{i=1}^n \left[ \frac{a_{t,i}}{A_t} - \frac{a_{t-1,i}}{A_{t-1}} \right]$$

em que  $n$  é = número de firmas em cada indústria;  $a_{t,i}$  é igual ao tamanho da  $i$ ésima firma no tempo  $t$ ;  $A_t$  é igual ao tamanho total da indústria no tempo  $t$ ;  $a_{t-1,i}$  é igual ao tamanho da  $i$ ésima firma no tempo  $t - 1$ ; e  $A_{t-1}$  é igual ao tamanho total da indústria no tempo  $t - 1$ .

*A priori*, espera-se encontrar maior estabilidade na parcela de mercado, em indústrias mais concentradas, e vice-versa, ou seja, em mercados pouco concentrados, as firmas tendem a ter suas parcelas mais frequentemente alteradas (SANTOS, 1996).

### 2.2.2 Aspectos de Conduta

De acordo com Santana (2003), a conduta se estabelece como um *locus* intermediário, dado que prediz a respeito do desempenho. Assim, a importância na determinação da estrutura da indústria está na forma de compreender como as firmas irão se comportar ao estabelecer o conjunto de decisões e políticas de preços, produção, propriedades dos produtos, despesas de vendas, pesquisa e desenvolvimento (P&D), entre outros. Contudo, torna-se importante salientar que a escolha de comportamento estratégico de cada empresa parte do tipo de ambiente que é provido por cada tipo de indústria. Em algumas indústrias, a firma pode ter praticamente nenhuma liberdade de ação, em outras, pode acontecer o contrário (CHAVES, 2000).

### 2.2.3 Aspectos de Desempenho

O desempenho pode ser considerado como os resultados alcançados em uma determinada indústria e é, concomitantemente, resultado da interação entre a estrutura e conduta, ao mesmo tempo em que contribui nas tomadas de decisões que retroalimentam a estrutura e a conduta. O desempenho pode ser medido e analisado por diversas óticas, tais como o progresso técnico, eficiência produtiva, eficiência alocativa, lucratividade, dentre outros (SCARANO, MURAMATSU e FRANCISCHINI, 2019).

## 2.3 Procedimentos Metodológicos e Fontes de Dados

Esta monografia se caracteriza por pesquisa de natureza aplicada, com abordagem qualitativa de caráter exploratório e descritivo. Segundo Gil (2008) a pesquisa descritiva tem como objetivo principal descrever as características de determinada população ou fenômeno. Ou então, estabelecer as relações entre variáveis para determinar a natureza desta relação. A pesquisa exploratória tem por intuito proporcionar maior conhecimento com o problema de pesquisa, para torná-lo mais explícito facilitando a construção da hipótese. Neste sentido, foram coletados dados secundários e feitas pesquisas documentais para determinar os índices de

concentração, a forma de alteração das variáveis de estrutura, desempenho e o comportamento estratégico dos agentes econômicos envolvidos.

Os dados secundários foram obtidos através da Associação Brasileira da Indústria de Café Solúvel (ABICS), Conselho dos Exportadores de Café (CECAFÉ) e *United States Department of Agricultural* (USDA). Cabe salientar que as informações disponibilizadas pela ABICS apresentaram somente as parcelas de exportações de cada empresa, sem nomeá-las, devido ao contrato de confidencialidade estabelecido entre as empresas associadas e a associação.

A concentração do mercado de café solúvel foi avaliada a partir do cálculo dos principais indicadores como o índice de concentração (CR) e Herfindahl e Hirschman (HHI). A conduta foi analisada a partir das estratégias dos integrantes do mercado de café solúvel nas variações dos produtos, investimentos em publicidade, entre outros. O desempenho foi medido por meio da participação da indústria de café solúvel do Brasil no mercado internacional e da taxa de crescimento das quantidades exportadas. Assim, tabularam-se os dados no *software* Microsoft Excel.

A pesquisa foi realizada por meio do método hipotético-dedutivo, pois se compreende que esta é forma mais adequada para responder ao problema de pesquisa e testar a hipótese geral a partir do modelo Estrutura-Conduto-Desempenho proposto.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

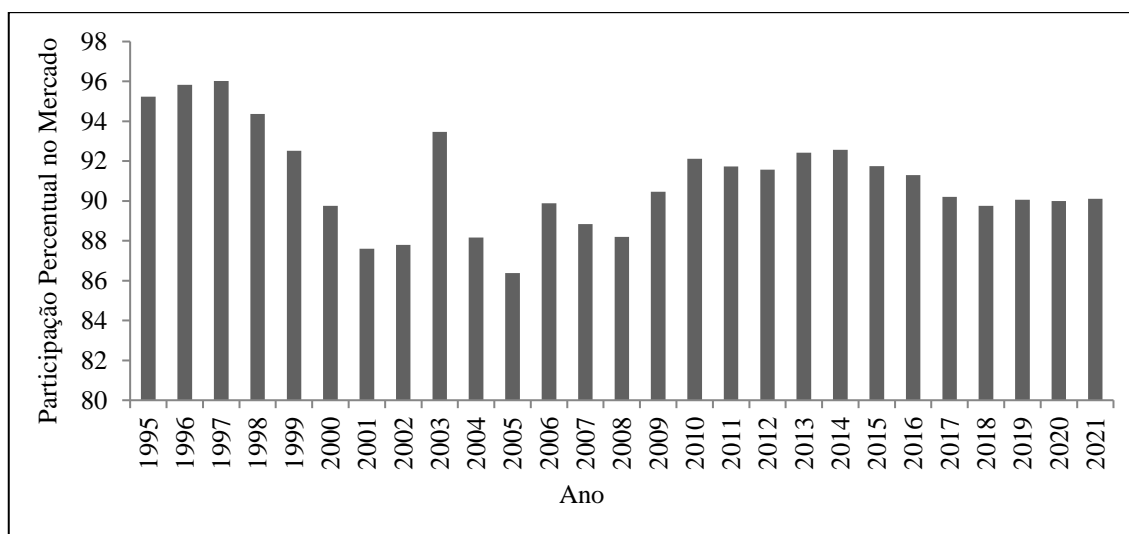
A seguir, serão apresentados e analisados os resultados obtidos a partir dos dados secundários coletados, com o cálculo e a interpretação sobre os índices de concentração, que permitiram a compreensão sobre a estrutura do mercado nacional de produção e exportação de café solúvel. Em seguida foi determinado o índice de variabilidade sobre as parcelas de mercado de cada agente da indústria nacional de café solúvel. Na sequência, se estabeleceu um exame sobre a conduta da indústria de café solúvel. E, por fim, os indicadores de desempenho do setor de café solúvel do CAI Brasileiro de Café.

#### **3.1 Aspectos de Estrutura**

Para se determinar o grau de concentração da indústria nacional de café solúvel utilizaram-se os seguintes índices: Razão de Concentração das quatro maiores empresas (CR4) e Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI). E para se determinar a medida de variabilidade se avaliou o Índice de instabilidade de Hymer-Pashigian. Em relação aos dados empregados na construção dos índices, é necessário salientar que as informações obtidas não designaram as empresas. Mas, a parcela de produção e exportação anônima de cada empresa.

O Gráfico 1 apresenta a evolução do CR4 das quatro maiores empresas nacionais produtoras e exportadoras de café solúvel. Pode-se observar que as mudanças mais acentuadas ocorreram entre 1999 e 2010. Em 2003, especificamente, ocorreu uma pequena mudança nas parcelas de mercado das empresas participantes dessa indústria.

**Gráfico 1 – Evolução da Razão de Concentração das Quatro Maiores Empresas Nacionais Exportadoras de Café Solúvel, em Porcentagem, entre 1995 e 2021**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ABICS

No período entre 1995 e 2021, o que se pode perceber é que o grau de concentração para as quatro maiores empresas diminuiu no intervalo de tempo analisado. A principal explicação para esta variação é a perda de participação da Empresa 3, que passou 22,7% para 17,6%. Ou seja, a diminuição de 5,1% de participação de mercado desta empresa é idêntica à diminuição de 5,1% na verificação do cálculo do CR4 do período analisado, conforme se observa na Tabela 1, a seguir:

**Tabela 1 – Cálculo do Índice de Concentração de Parcelas de Mercado para as Quatro Maiores Empresas Nacionais Produtoras e Exportadoras de Café Solúvel, (CR4), entre 1995 e 2021**

1995		2021	
Empresas	%	Empresas	%
Nº 1	33,4	Nº 1	33,3
Nº 2	28,8	Nº 2	27,6
Nº 3	22,2	Nº 3	17,5
Nº 4	10,5	Nº 4	11,5
CR (4)	95,2	CR (4)	90,1

Fonte: Elaborado a partir dos dados da ABICS

Para mais, de acordo com os parâmetros de Bain (1968) a estrutura de mercado de produção e exportação de café solúvel é altamente concentrada, do tipo I, já que as quatro maiores empresas do setor possuem parcela de mercado maior que 75%.

Santos (1996) havia verificado CR4 entre 65% e 75%, ou seja, àquela verificação do mercado brasileiro produtor e exportador de café solúvel se caracterizava como de alta

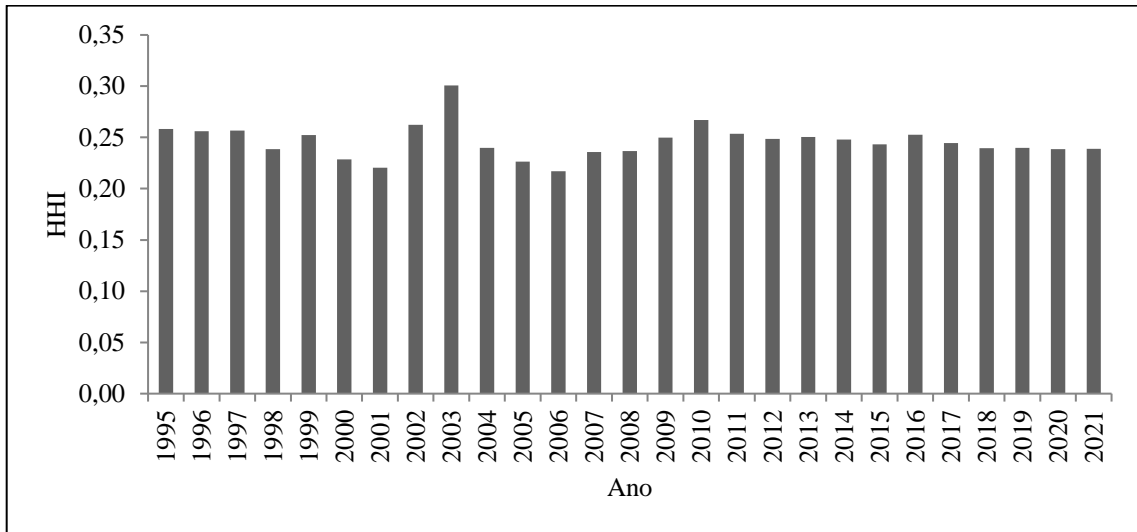
concentração, do tipo II. As análises desenvolvidas atualmente verificam que se, que mesmo o CR4 tendo diminuído no período de 95,2% para 90,1% a estrutura do mercado brasileiro de produção e exportação de café solúvel é do Tipo I.

Essa modificação pode ocorrer por diversos fatores. Segundo Kon (1994), a concentração aumenta quando acontecem saídas de empresas e/ou crescimento interno das existentes no mercado, fusões, aquisições, ampliação de capacidade produtiva, formação de *joint ventures* entre firmas independentes, dentre outros. Nishijima e Saes (2007) destacam que as plantas produtivas sofisticadas exigem maior custo para a fabricação do produto. Logo, a entrada de novos atores no mercado é difícil, visto que, segundo Kon (1994) as empresas já estabelecidas apresentam graus de vantagens sobre os potenciais entrantes.

E, mais recentemente, a interrupção das operações *Dominium* Café Solúvel e do Café Solúvel Brasília, assim como a incorporação da Macsol Manufatura de Café Solúvel pela Cia. Iguaçu de Café Solúvel, que formou uma *joint venture* com a *Seda Solubles*, e a aquisição de marcas da Cia Cacique pela *Jacobs Douwe Egbert Coffee* tornaram a estrutura de produção e exportação nacional de café solúvel ainda mais concentrada. Mas, particularmente a ampliação da concorrência internacional de acordo com USDA (2022) e a ampliação do consumo interno decorrentes das melhoras de paladar, incremento de sabores, modernização, miniaturização e barateamento de máquinas de café expresso novos nichos de consumo, especialmente entre os mais jovens e, cada vez mais a agitada dinâmica urbana de muitas famílias brasileiras colaboram na interpretação destes resultados.

Outro índice utilizado para medir a concentração de mercado foi o Índice de Herfindahl-Hirschman (HHI). Este permite realizar uma análise de todos os dados de empresas produtoras ou empresas distribuidoras presentes no setor de exportação. O Gráfico 2 apresenta a evolução do HHI, que permite notar que não houve modificações acentuadas ao longo do tempo, exceto entre os anos de 2001 e 2003. Constata-se de acordo com Nishijima e Saes (2007) que o mercado de café solúvel nacional direcionado ao setor externo pode ser considerado altamente concentrado.

Santos (1996) verificou que a indústria nacional de produção e exportação de café solúvel, embora concentrada, não se apresenta como um monopólio. A atual verificação revela que essa indústria apresenta uma distribuição desigual entre as empresas. Apesar disso, a estrutura desse mercado não pode ser configurada como monopólio ( $HHI=1$ ), visto que os HHI do período analisado estão entre 0,22 e 0,30. Ao comparar com os resultados obtidos por Santos (1996), com índices inferiores a 0,20, detectou-se aumento nos valores entre 1995 e 2021, sinalizando maior concentração de mercado.

**Gráfico 2 - Evolução do Índice Herfindahl-Hirschman no Período de 1995 a 2021**

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ABICS.

Em relação ao índice de instabilidade de Hymer-Pashigian, que é um índice dinâmico, a partir dos resultados obtidos com valores iguais a zero, pode-se argumentar que as alterações que ocorreram nas parcelas de mercado das firmas que compõem a indústria nacional de café solúvel não são significativas no período estudado. Ou seja, não houve mudança nem na estrutura da indústria nacional de café solúvel e, tampouco, no padrão de concorrência já estabelecido.

### 3.2 Aspectos de Conduta

Neste tópico serão analisados aspectos de conduta da indústria nacional de café solúvel. Inicialmente, serão apresentadas as estratégias da indústria para, em seguida, ser discutida a conduta de representativas empresas do setor.

Em relação aos aspectos de conduta da indústria de café solúvel, cabe ressaltar que esta tem empregado estratégias institucionais. Como, por exemplo, em 2016 o Plano de Desenvolvimento de Café Solúvel, com o objetivo de ampliar o volume exportado do produto em 50% até 2026. Isso demonstra o intuito de recuperar a participação e ampliar a distância da posição brasileira frente aos demais países exportadores. Contudo, o que se pode perceber é que a iniciativa se apresentou com relativo atraso, dado que o país experimentou perda acentuada na participação relativa das exportações mundiais, que será evidenciado na seção aspectos de desempenho.

Já em relação às estratégias do produto e propagandas, a Associação Brasileira de Café Solúvel (ABICS), juntamente com a Apex-Brasil consolidaram um convênio por meio de um projeto setorial intitulado *Brazilian Instant Coffee*, na busca de desenvolver uma identidade institucional dos cafés solúvel do Brasil, com a marca *Explore and Enjoy*, com conceito voltado para a promoção da experiência de consumo do produto e demonstrando diversos modos de uso em receitas variadas.

Outro aspecto importante são as certificações, que permitem agregar valor por meio da consolidação da imagem, no intuito de atestar ao consumidor um grau de confiança na empresa e no produto, apresentando-se como forma de facilitar o acesso a novos mercados. Dessa forma, conforme a Revista Cultivar (2019), o conjunto de empresas participantes do mercado de café solúvel do setor exportador possui mais de 25 certificações de qualidade, segurança alimentar, sustentabilidade e algumas específicas como *kosher*<sup>5</sup>, *halal*<sup>6</sup>, orgânicos.

No que concerne a Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), a ABICS, juntamente com o Instituto Tecnológico de Alimento (ITAL) e com especialista de todas as empresas desenvolveu uma metodologia global de padronização da avaliação da análise sensorial de café solúvel, iniciada em 2019. De acordo com a ABICS (2022), essa análise avalia a qualidade partindo da intensidade dos atributos.

Em relação às estratégias traçadas pelas empresas produtoras e exportadoras de café solúvel presentes no Brasil, durante o período de 1995 a 2021, foram escolhidas três pela disponibilidade das informações mais detalhadas e por representarem parcela significativa de produção e exportação de café solúvel nacional.

A primeira a ser examinada é a Companhia Cacique de Café Solúvel, com operação iniciada em 1966. Esta é a maior exportadora de café solúvel do país, com produção direcionada para mais de 70 países e com portfólio de aproximadamente 65 produtos (CACIQUE, 2022).

Em relação à infraestrutura, a planta apresenta a capacidade de processar 70 toneladas de café solúvel diariamente e é tida como uma das maiores firmas de produção em uma única planta. Além disso, empresa investiu US\$60 milhões na nova planta localizada em Linhares, no Estado do Espírito Santo, com início de operação no segundo semestre de 2021. A escolha para a implantação se deu de forma estratégica, visto que o Estado é o maior produtor do principal insumo para a fabricação de café solúvel, assim como tem a presença de uma estrutura

---

<sup>5</sup> Certificação expedida por agência rabínica que garante a ausência de substâncias não kosher nos ingredientes de determinado produto alimentício (OU KOSHER, 2022).

<sup>6</sup> “Documento de garantia emitido para atestar que a empresa, processos e produtos seguem os requisitos legais e critérios determinados pela jurisprudência islâmica (Sharia)” (SISCOMEX, 2022).

portuária que permite o direcionamento facilitado do produto para o exterior (CACIQUE, 2022).

A Cocam Cia. de Café Solúvel e Derivados, criada em 1970, em Catanduva, no Estado de São Paulo, exporta para mais de 35 países, com portfólio de 60 produtos disponíveis. Com a planta principal direcionada a produção de café solúvel e extrato de café, com investimento em armazém de produto finalizado, com condições precisas de temperatura e umidade para armazenamento do café solúvel (COCAM, 2022).

Já em relação à área de pesquisa e desenvolvimento, a empresa possui laboratório de controle de qualidade, local em que são realizadas as múltiplas etapas de análise até a fase de liberação do produto. Para mais, a empresa conta com processos automatizados, assim como há recuperadores de aroma de grande eficiência e concentradores a frio para redução da exposição do café solúvel ao aquecimento. Cabe salientar que a empresa é a única capaz de desenvolver o processo de descafeinação do café, produzindo café solúvel nessa modalidade (COCAM, 2022).

A Cia. Iguaçu de Café solúvel, fundada em 1967, na região de Cornélio Procópio, no Estado do Paraná apresenta diversas certificações ligadas à sustentabilidade, segurança de alimentos e qualidade como, por exemplo, a certificação *Kosher* e *Halal*, já mencionadas anteriormente. Além disso, no que diz respeito a investimentos produtivos, a empresa implantou a caldeira de biomassa que passou a prover 85% da energia do parque industrial, de modo que a energia sustentável utilizada crescesse e que o custo de produção diminuísse o que também permite afirmar que a empresa apresenta comprometimento com as questões ambientais e de sustentabilidade.

No que concerne à pesquisa e desenvolvimento conta com programas de melhorias, com o intuito de eliminar desperdício de materiais, mão de obra, tempo, visto que todos esses aspectos apresentam custos. Também existe o banco de ideias, o que dá indício que há a preocupação com a promoção de inovações (IGUAÇU, 2022).

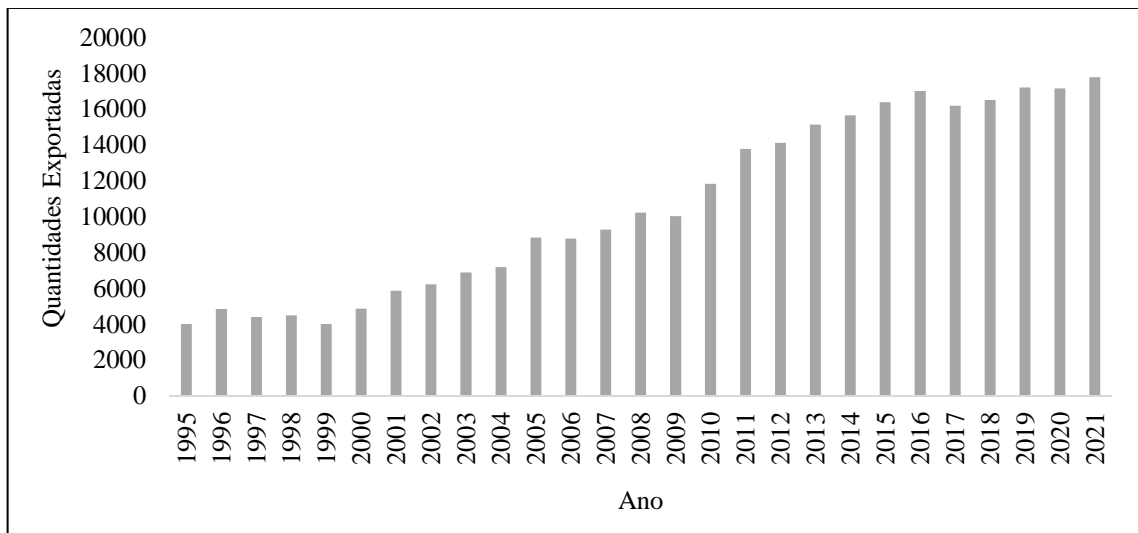
Em aspectos gerais, pode-se observar que as estratégias de concorrência na indústria não são deletérias à expansão do mercado. Pelo contrário, existe um esforço conjunto neste sentido. Ou seja, há um comportamento colaborativo entre as diferentes empresas do setor através das associações representativas. Em relação as empresas que constituem à indústria também não se percebem comportamento concorrencial danoso aos ganhos. Os investimentos em P&D, certificações, máquinas e equipamentos estão perfeitamente associados aos planos de expansão da indústria.

### 3.3 Aspectos de Desempenho

O desempenho pode ser medido de inúmeros modos e diversos fatores podem influenciar na ampliação ou redução dos resultados obtidos pela indústria em questão. Dessa maneira, optou-se por realizar uma análise voltada a perspectiva global do mercado de café solúvel em termos absolutos e relativos. Posteriormente, foram analisadas as taxas de crescimento das quantidades exportadas pelo Brasil entre 1995 e 2021.

Conforme o Gráfico 3, as exportações de café solúvel se expandiram acentuadamente entre 1995 e 2021. Isso se deve ao aumento no consumo de café solúvel por países que não eram tradicionalmente consumidores e pela entrada de novos *players* no mercado internacional, ocasionando maior oferta deste produto.

**Gráfico 3 – Evolução do volume de exportação de café solúvel mundial, em números absolutos (1000 sacas de 60kg) – 1995 a 2021**

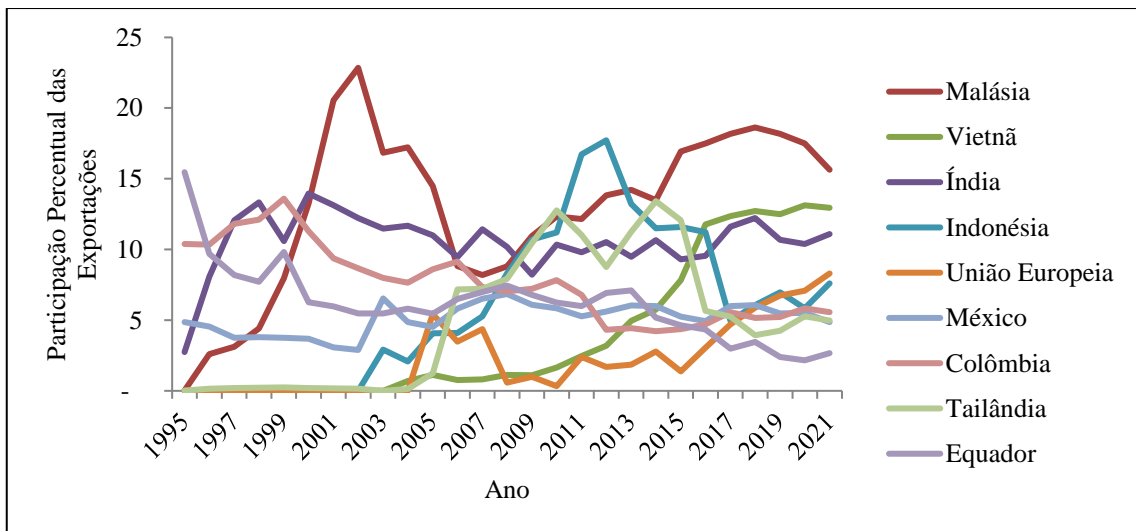


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da USDA/Fas (2022)

Entre estes novos *players* estão: Malásia, Vietnã, Índia, Indonésia, União Europeia, México, Colômbia, Tailândia e Equador e as suas participações relativas nas exportações de 2021 podem ser observadas no Gráfico 4. Deste grupo devem ser destacados Malásia, Vietnã e Indonésia que ao longo do período receberam investimentos internacionais significativos para instalação da indústria de café solúvel, além de outros investimentos na ampliação dos cafezais da espécie robusta (USDA 2022). Outro destaque é a União Europeia, que não possui cafezais, mas é uma das principais exportadoras de café solúvel. Neste caso, o destaque deve ser conduzido para a Alemanha que detém a liderança na exportação de cafés, em especial os

industrializados (descafeinados, torrados em grão e/ou moídos e solúveis) e, as duas principais razões que conduzem a este sucesso estão centradas na forte ação estratégica de mercado das suas empresas e a forte governança institucional (FREITAS, 2008).

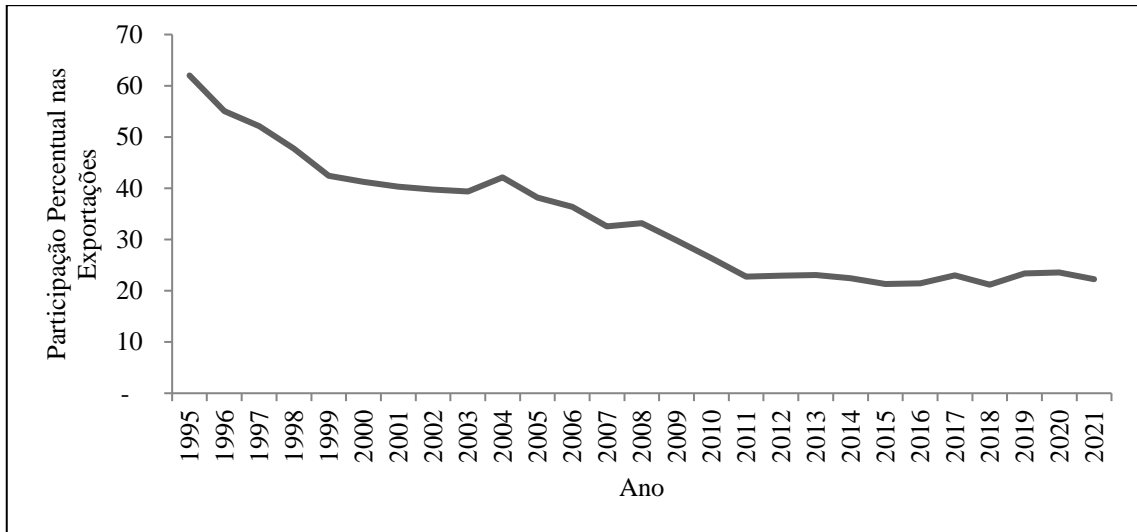
**Gráfico 4 – Participação Relativa nas Exportações Mundiais de Café Solúvel no Período de 1995 a 2021.**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados da USDA/Fas (2022)

Já o Gráfico 5 demonstra a perda constante de participação relativa (*market-share*) brasileira nas exportações de café solúvel. Enquanto em 1995, o Brasil detinha 62% do *market share*, em 2021, o país deteve, aproximadamente, 23% do mercado internacional de café solúvel. Ou seja, a participação diminuiu 39 pontos percentuais entre 1995 a 2021. Além da já mencionada ampliação da concorrência internacional, principalmente a asiática, também se destaca a falta e o caráter tardio de governanças industriais, como se mencionou durante a discussão sobre os aspectos de conduta.

**Gráfico 5 – Evolução da Participação Relativa Brasileira nas Exportações de Café Solúvel em Percentual no Período de 1995 a 2021**

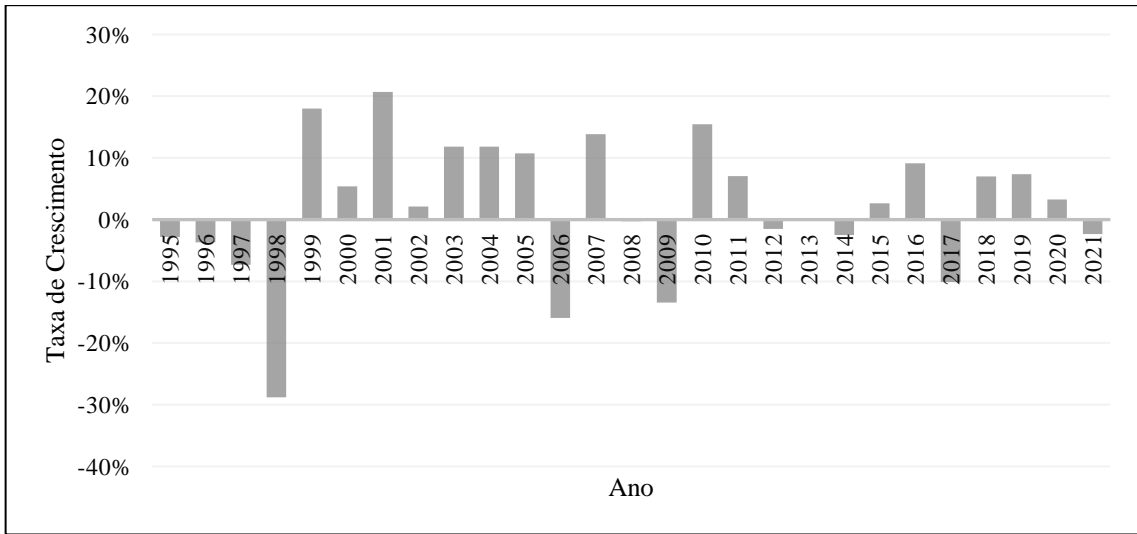


Fonte: Elaboração própria com base nos dados da USDA/Fas (2022)

No Gráfico 6, são analisadas as taxas de crescimento do volume exportado pelo Brasil entre 1995 e 2021. As taxas negativas observadas entre 1994 e 1998, segundo Saes e Nishijima (2007), ocorrem pelo aumento dos preços de insumos, dado que em 1997 e 1998 a produção de café verde sofreu com problemas ocasionados pelo clima. Assim, o processo de produção de café solúvel tornou-se mais caro. A tendência de queda foi interrompida em 1999, que apresentou um crescimento positivo intensificado de 18%, assim como em 2001.

Nos anos seguintes até 2005, o crescimento se manteve positivo, mas em proporções menores. Em 2006, ocorreu novamente uma queda no crescimento a nível negativo, porém, o quadro se recuperou em 2007 e mostrando uma taxa de crescimento tímida em 2008. Em 2009, ocorreu uma queda acentuada de -13%, em parte, atribuem-se à queda na quantidade importada pelos Estados Unidos perante a crise mundial estabelecida em 2008, dado que nesse período o país era o maior importador de café solúvel brasileiro. E o restabelecimento, em 2010, da taxa positiva de crescimento se deveu ao aumento das exportações dos Estados Unidos, Rússia, México, Chile e Coréia do Sul (CANAL RURAL, 2011).

**Gráfico 6 – Taxas de crescimento das quantidades exportadas de café solúvel brasileiro– 1995 a 2021**



Fonte: Elaboração própria com base nos dados do CECAFÉ (2022)

Em 2012, 2014, 2017 e 2021 também se observam taxas negativas. Em 2017, a queda nas exportações decorreu de período de seca no Estado do Espírito Santo, que é o maior produtor de café robusta, principal matéria-prima para a produção de café solúvel. Além disso, segundo a ABICS (2018), os contratos de fornecimento foram impactados, pois os preços internos se encontravam acima do mercado externo, assim como contratos internacionais de vendas foram perdidos, cedendo aos países asiáticos, especialmente o Vietnã, parte desse mercado.

Em relação a 2021, um ano considerado atípico dado o agravamento da pandemia da Covid-19 que afetou os países produtores de café solúvel, pode-se observar que houve resultado negativo na taxa de crescimento, em grande parte se deve aos problemas enfrentados na cadeia logística internacional, com a falta de contêineres e dificuldade dos navios aportarem nos portos de outros países, assim como o aumento dos preços do café no mercado externo. Outro aspecto importante foi às variações climáticas desfavoráveis cada vez mais frequentes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A indústria de café solúvel brasileira se apresenta como líder mundial no mercado exportador do produto. Além disso, esta é parte do sistema agroindustrial do café no país, assumindo um papel de suma importância no desenvolvimento deste sistema que, por conseguinte, é parte relevante no agronegócio brasileiro. Assim sendo, realizou-se a análise de como se estrutura este mercado, as estratégias traçadas pelos atores participantes e o desempenho entre os anos de 1995 a 2021.

A partir dos índices de concentração, especificamente, Razão de Concentração e Herfindahl-Hirschman, pode-se constatar que a indústria de café solúvel brasileira é altamente concentrada e desigual. Por meio do índice Razão de Concentração se verificou uma diminuição de concentração das quatro maiores empresas, passando de 95,2% para 90,1%. Em relação ao HHI, encontraram-se valores entre 0,22 e 0,30, de modo que o mercado não pode ser configurado como monopólio ( $HHI=1$ ), apesar de ser considerado com altamente concentrado.

Após essa constatação, utilizou-se o índice de instabilidade de *Hymer-Pashigian*, no qual foram obtidos resultados com valores iguais a zero, podendo-se argumentar que as alterações que ocorreram nas parcelas de mercado das firmas que compõem a indústria nacional de café solúvel não são significativas no período estudado. Ou seja, não houve mudança nem na estrutura da indústria nacional de café solúvel e, tampouco, no padrão de concorrência já estabelecido.

As constatações apresentadas são sustentadas por outros trabalhos, no sentido de que esse tipo de indústria se apresenta como concentrada e que dentre os motivos que explicam isso se tem que a planta é altamente cara, o que faz com que existam maiores barreiras para entrada de novas empresas no mercado, assim como as aquisições e saídas de empresas.

Em relação à conduta, tanto as estratégias de concorrência na indústria não são deletérias à expansão do mercado. Pelo contrário, existe um esforço conjunto, em que há um comportamento colaborativo entre as diferentes empresas do setor por meio das associações representativas. Em relação as empresas que constituem à indústria também não se percebem comportamento concorrencial danoso aos ganhos.

No que concerne ao desempenho, constatou-se que os períodos de desequilíbrio no quadro da principal matéria prima e de instabilidades no mercado internacional estão ligados intimamente com a performance das exportações de café solúvel, assim como as demandas dos outros países, demonstrando que a indústria de café solúvel também depende do crescimento do consumo dos países importadores. Além disso, verificou-se que a participação no mercado

internacional sofreu queda acentuada a partir da década de 1990 e apresentou certa consistência a partir de 2011. Em relação das taxas de crescimento, constatou-se crescimento positivo na maior parte dos anos.

Com relação à hipótese levantada, confirma-se a hipótese, de maneira parcial, visto que o mercado apresentou uma estrutura concentrada e com dinâmicas concorrenciais oligopólicas. Entretanto, em relação ao desempenho, pode-se verificar que houve ampliação das quantidades exportadas na maior parte do período, mas não foi suficiente para acompanhar o crescimento do mercado externo.

Para mais, é importante salientar a dificuldade enfrentada na construção do trabalho em relação aos dados para a elaboração dos índices. Visto que as informações disponibilizadas não apresentaram as designações das empresas, mas suas parcelas de exportação anônima, não foi possível o acompanhamento específico das posições das firmas, tampouco uma análise mais aprofundada.

Por fim, sugere-se para futuros estudos a análise dos novos *players* presentes no mercado mundial de café solúvel, como o Vietnã que adentrou na exportação desse produto partindo de uma posição periférica para um dos maiores exportadores, assim como a análise dos comportamentos estratégicos dos mesmos.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, D. R. D. A indústria de esmagamento de soja no Brasil: mudança estrutural, conduta e alguns indicadores de desempenho. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 32, ed. 1, p. 23-46, 1994.
- ALBUQUERQUE, M. C. C.; NICOL, R. **Economia Agrícola**: o setor primário e a evolução da economia brasileira. São Paulo: McGraw-Hill, 1987. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/14277/Economia%20agr%C3%ADcola.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 01 nov. 2022.
- ARAÚJO, M. J. **Fundamentos de agronegócio**. São Paulo: Atlas, 2003. 147 p.
- A RURAL. Sociedade Rural Brasileira. Instituto Brasileiro do Café: edital a que se refere a Resolução n. 195 de 24-6-61. **A RURAL**, São Paulo, p. 48, 1 ago. 1961. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/8914/SEM%20AUTOR.%20Instituto%20Brasileiro%20do%20Cafe.%20p.%2048.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- BACHA, C. J. C. **Economia e política agrícola no Brasil**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2004. 226 p.
- BATALHA, M. O.; SILVA, A. L. Gerenciamento de sistemas agroindustriais: definições, especificidades e correntes metodológicas. In: BATALHA, Mário Otávio *et al*, (coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 1, p. 1-62.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Portaria n.º 130, de 19 de fevereiro de 1999. Brasília, DF. Disponível em: <[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1999/prt0130\\_19\\_02\\_1999.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/svs/1999/prt0130_19_02_1999.html)>. Acesso em 30 nov. 2022.
- CACIQUE. **Sobre a Cacique**. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://cacique.com.br/cacique-pt/>>. Acesso em: 30 nov. 2022.
- Café. In: **Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, s.d. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CAF%C3%89.pdf>>. Acesso em: 30 abr. 2022.
- Café Solúvel terá metodologia pioneira para avaliação de qualidade. **HUB DO CAFÉ**. Disponível em: <<https://hubdocafe.com.br/cafe-soluvel-tera-metodologia-pioneira-para-avaliacao-de-qualidade/>>. Acesso em: 14 nov. 2022.
- CALLADO, A. A. C.; CALLADO, A. L. C. **Sistemas agroindustriais**. In: CALLADO, A. A. C. (org.). **Agronegócio**. 4. ed. São Paulo: Atlas S.A., 2015. cap. 1, p. 1-21.
- CANO, W. **Raízes da concentração industrial em São Paulo**. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, IE, 2007. 308 p. Disponível em: <<https://www.economia.unicamp.br/images/publicacoes/Livros/geral/Raizes-da-concentracao-industrial-em-Sao-Paulo.pdf>>. Acesso em: 20 set. 2022.

CANAL RURAL. **Receita com exportação de café solúvel cresce 16% em 2010**. [S. l.], 2011. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/receita-com-exportacao-cafe-soluvel-cresce-2010-18254/>>. Acesso em: 6 dez. 2022.

CARLTON, D. W.; PERLOFF, J. M. **Modern Industrial Organization**. 3th ed. Upper Saddle River: Pearson, 1999. 780p.

CECAFÉ. Relatório de exportações. In: **Relatório mensal das exportações**. São Paulo, 2022. Disponível em: <<https://www.cecafe.com.br/site/publicacoes/relatorio-de-exportacoes/>>. Acesso em: 20 out. 2022.

CHAVES, C. M. O.; SOUZA, L. N.; SOUZA, J. G. Análise Bibliométrica em Subáreas Seleccionadas da Produção Acadêmica *Strictu Sensu* sobre o Café Brasileiro no Período de 1998 a 2012. In **Revista Brasileira de Assuntos Regionais e Urbanos**, Goiânia. 2020, v. 6:e7993. Disponível em <<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/baru/article/view/7993/4661>>. Acesso em 12 de dezembro de 2022.

CHAVES, C. M. O. **Análise da cadeia agroindustrial do chocolate no Brasil**. Orientador: Carlos Antônio Moreira Leite. 2000. 166 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 2000. Disponível em: <<https://www.locus.ufv.br/bitstream/123456789/10987/1/texto%20completo.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2022.

CONCEIÇÃO, J. C. P. R. da; ELLERY JUNIOR, R. G.; CONCEIÇÃO, P. H. Z. da. Cadeia Agroindustrial do café no Brasil: agregação de valor e exportação. **Boletim de Economia e Política Internacional**, São Paulo, n. 24, p. 37-47, 2019. Disponível em: <[http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9786/1/BEPI\\_n24\\_Cadeia.pdf](http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/9786/1/BEPI_n24_Cadeia.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2022.

COCAM. **Empresa**. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://www.cocam.com.br/empresa>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

FREITAS, M. L. G. O que o *kaffee* de lá tem que o café daqui não tem: um estudo comparativo entre os sistemas agroindustriais do café alemão e Brasileiro. In: **Revista de Administração Mackenzie**, V. 9, n. 5, 2008, p. 59 a 81. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S1678-69712008000500004>>. Acesso em 14 e dezembro de 2022.

FURTADO, C. **Formação Econômica do Brasil**. 32. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005. 238 p. Disponível em: <<http://www.afoiceemartelo.com.br/posfsa/autores/Furtado,%20Celso/Celso%20Furtado%20-%20Forma%C3%A7%C3%A3o%20Econ%C3%B4mica%20do%20Brasil.pdf>>. Acesso em: 13 set. 2022.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 200 p.

GUERREIRO FILHO, O.; MENDES, A. N. Guimarães; CARVALHO, G. R.; SILVAROLLA, Maria Bernadete; BOTELHO, César Elias; FAZUOLI, Luiz Carlos. Org. (---) **Cultivares de café**. Cap 1: origem e classificação botânica do cafeeiro. 2008.

IGUAÇU. **Sobre nós**. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://www.iguacu.com.br/sobre-nos/>>. Acesso em: 30 nov. 2022.

KON, Anita. **Economia Industrial**. Ed. 1. São Paulo: Nobel, 1994.p.216.

LEÃO, F. R. et al. Estruturas de governança na cadeia produtiva de piscicultura de Dourados-MS: uma abordagem focada na Teoria Econômica das Convenções. **Revista de Administração da UNIMEP**, [s. l.], ano 2, v. 8, p. 91-105, 2010. Disponível em: <<http://www.raunimep.com.br/ojs/index.php/rau/article/view/169/430>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

MARTINS, A. L.. **História do Café**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 322 p.

MORAES, M. A. F. D. Os sistemas agroindustriais: análise aplicada da organização industrial. In: ZYLBERSZTAJN, Décio; NEVES, Marcos Fava; CALEMAN, SILVIA M. de Queiroz (org.). **Gestão de sistemas de agronegócios**. São Paulo: Atlas, 2015

NISHIJIMA, M.; SAES, M. S. M. Tariff discrimination on Brazil's soluble coffee: an economic analysis. **The Brazilian Journal of Political Economy**: Revista de Economia Política, São Paulo, v. 30, ed. 2, p. 293-309, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rep/a/Dkv54GttNvT9BVGy56TMzzD/?format=pdf&lang=en>>. Acesso em: 20 jul. 2022.

O novo momento do café solúvel no Brasil. **Perfect Daily Grind**. Disponível em: <<https://perfectdailygrind.com/pt/2021/12/09/o-novo-momento-do-cafe-soluvel-no-brasil/#:~:text=O%20caf%C3%A9%20sol%C3%BAvel%20corresponde%20aproximadament e,ind%C3%BAstria%20de%20caf%C3%A9%20em%20geral.>>. Acesso em 14 nov. 2022.

OU KOSHER. **What is Kosher Certification?**. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://oukosher.org/what-is-kosher/>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

PAULILLO, L. F.. Sobre o desenvolvimento da agricultura brasileira: concepções clássicas e recentes. In: BATALHA, Mário Otávio *et al*, (coord.). **Gestão Agroindustrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2009. cap. 13, p. 735-770.

PONCIANO, N. J. **Segmento exportador da cadeia agroindustrial do café brasileiro**. Orientador: Alberto Martins Rezende. 1995. 138 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 1995. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/45/102861f.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 30 abr. 2022.

RESENDE, M.; BOFF, H.. Concentração Industrial. In: KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia (Orgs.). **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. Rio de Janeiro: Campus, 2013. Cap. 5.

REVISTA CULTIVAR. **Café solúvel cria marca setorial para mercado nacional e internacional**. Pelotas, 2019. Disponível em: <<https://revistacultivar.com.br/noticias/cafe-soluvel-cria-marca-setorial-para-mercado-nacional-e-internacional>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

SAES, M. S. M.; FARINA, E. M. M. Q. **O agribusiness do café no Brasil**. São Paulo: Pensa/Editora Milkbizz, 1999. 218 p.

SAES, M. S. M.; NISHIJIMA, M. Drawback para o café solúvel brasileiro: uma análise de mercado. **Revista de Economia Mackenzie**, São Paulo, v. 5, ed. 5, p. 141-174, 2007. Disponível em: <<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/rem/article/view/800/494>>. Acesso em: 6 set. 2022.

SAES, M.S.M; NAKAZONE, D. **Estudo da Competitividade de Cadeias Integradas no Brasil: Impactos das Zonas de Livre Comércio: Cadeia Café**. Campinas (SP): Unicamp, 2002. 142 p. Disponível em: <<http://www.fundacaofia.com.br/pensa/anexos/biblioteca/632007155238.pdf>>. Acesso em: 17 ago. 2022.

SANTANA, M. A. M. **Mudanças estruturais e suas implicações na conduta e no desempenho da cadeia gaúcha na década de 90**. Orientador: Paulo Dabdab Waquil. 2003. 237 p. Dissertação (Mestrado em Agronegócios) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2003. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5934/000433728.pdf>>. Acesso em: 23 mai. 2022.

SANTOS, D. F. **Estrutura, conduta e desempenho do mercado exportador brasileiro de café cru em grão e de café solúvel**. Orientador: Danilo Rolim Dias de Aguiar. 1996. 94 p. Dissertação (Mestrado em Economia Rural) - Universidade Federal de Viçosa, Minas Gerais, 1996. Disponível em: <<http://www.sbicafe.ufv.br/bitstream/handle/123456789/228/129163f.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 1 abr. 2022.

SCARANO, P. R.; MURAMATSU, R.; FRANSCISCHINI, A. S. N. Modelo estrutura-conduta-desempenho como esquema analítico de análises setoriais. In: VARTANIAN, P. R.; MACIEL, V. F. (org.). **Estudos econômicos setoriais: máquinas e equipamentos, ferrovias, têxtil e calçados**. São Paulo: Blucher, 2019. p. 13-23. Disponível em: <<http://pdf.blucher.com.br.s3-east1.amazonaws.com/openaccess/9788580394047/completo.pdf>>. Acesso em: 11 out. 2022.

SEDIYAMA, A. F.; CASTRO JUNIOR, L. G.; CALEGARIO, C. L. L; SIQUEIRA, P. H. L. Análise da estrutura, conduta e desempenho da indústria processadora de soja no Brasil no período de 2003 a 2010. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, 2013, vol.51, n.1, pp.161-182. Disponível em: <<http://old.scielo.br/pdf/resr/v51n1/09.pdf>>. Acesso em: 25 mai.2022.

SEREIA, V. J.; CAMARA, M. R. G.; CINTRA, M. V. Competitividade internacional do complexo cafeeiro brasileiro e paranaense. **Semina: Ciências Agrárias**. Londrina, v. 29, n.3, p. 557-578, jul./set. 2008. Disponível em:<<https://www.redalyc.org/pdf/4457/445744089020.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2022.

SILVA, J. G. **A nova dinâmica da agricultura brasileira**. 2. ed. rev. Campinas: UNICAMP, 1998. 228 p. ISBN 85-86215-01-5. Disponível em:

<<https://www.eco.unicamp.br/images/publicacoes/Livros/30anos/anovadinamicadaagricultura-brasileira.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2022.

SISCOMEX. **Certificação Halal**. [S. l.], 2022. Disponível em: <<https://www.gov.br/siscomex/pt-br/servicos/aprendendo-a-exportar/conhecendo-temas-importantes-1/certificacao-halal>>. Acesso em: 14 dez. 2022.

TALBOT, J. M. The struggle for control of a commodity chain: Instant Coffee from Latin America. *Latin American Research Review, Pittsburgh*, v. 32, ed. 2, p. 117-135, 1997.

TAUNAY, A. E. **Historia do café no Brasil**: no Brasil colonial 1727-1822. Rio de Janeiro: 1939. v.1, t.1, 395 p. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.seade.gov.br/view/singlepage/index.php?pubcod=10012771&parte=1>>. Acesso em: 10 out. 2022.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Production, supply and distribution online**. Disponível em: <<http://www.fas.usda.gov/psdonline/psdquery.aspx>>. Acesso em: 10 ago. 2022.

ZYLBERSZTAJN, D. **Estruturas de governança e coordenação do Agribusiness**: uma aplicação da Nova Economia das Instituições. Orientador: -. 1995. 241 p. Tese (Livre docente) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4869375/mod\\_resource/content/2/zylber.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4869375/mod_resource/content/2/zylber.pdf)>. Acesso em: 25 mai. 2022.

ZYLBERSZTAJN, D. Conceitos gerais, evolução e apresentação do sistema agroindustrial. In: ZYLBERSZTAJN, D.; NEVES, M. F. (org.). **Economia e gestão dos negócios agroalimentares**. [S. l.]: Pioneira Thomson Learning, 2000. cap. 1, p. 1-20.

ZYLBERSZTAJN, D.; GIORDANO, S. R. Coordenação e governança de sistemas agroindustriais. **Gestão de sistemas de agronegócios**. Tradução São Paulo: Atlas, 2015.

## APÊNDICE A

**Tabela 1A – Parcela Percentual de Mercado das Quatro Maiores Empresas Brasileiras de Café Solúvel - 1995-2021**

<b>Ano</b>	<b>1º Posição</b>	<b>2º Posição</b>	<b>3º Posição</b>	<b>4º Posição</b>	<b>CR (4)</b>
1995	33,5	28,9	22,3	10,6	95,2
1996	31,4	30,1	23,1	11,3	95,8
1997	33,8	27,5	22,3	12,4	96,0
1998	30,9	27,9	18,2	17,4	94,4
1999	38,5	23,2	15,8	14,9	92,5
2000	34,3	20,9	20,9	13,6	89,8
2001	32,0	25,4	18,4	11,8	87,6
2002	37,6	31,2	11,6	7,4	87,8
2003	41,6	32,5	11,9	7,4	93,5
2004	32,8	30,5	16,1	8,8	88,2
2005	31,6	28,8	16,9	9,1	86,4
2006	29,8	23,4	22,0	14,6	89,9
2007	35,8	24,7	17,6	10,7	88,8
2008	35,7	25,2	17,6	9,7	88,2
2009	36,2	26,5	19,4	8,4	90,5
2010	39,8	26,0	17,0	9,3	92,1
2011	36,7	26,3	18,7	10,0	91,7
2012	33,0	30,0	19,0	9,6	91,6
2013	33,2	29,8	19,3	10,1	92,4
2014	32,8	29,5	19,1	11,2	92,6
2015	32,0	29,1	18,8	11,9	91,7
2016	33,5	31,3	16,8	9,7	91,3
2017	31,8	31,0	17,4	10,0	90,2
2018	34,7	24,7	20,2	10,2	89,8
2019	32,4	29,1	18,3	10,2	90,1
2020	33,9	26,7	18,1	11,3	90,0
2021	33,3	27,7	17,6	11,5	90,1

Fonte: ABICS (2022)

**Tabela 2A – Índice de Herfindahl-Hirschman - 1995-2021**

<b>ANO</b>	<b>HHI</b>
1995	0,26
1996	0,26
1997	0,26
1998	0,24
1999	0,25
2000	0,23
2001	0,22
2002	0,26
2003	0,30
2004	0,24
2005	0,23
2006	0,22
2007	0,24
2008	0,24
2009	0,25
2010	0,27
2011	0,25
2012	0,25
2013	0,25
2014	0,25
2015	0,24
2016	0,25
2017	0,24
2018	0,24
2019	0,24
2020	0,24
2021	0,24

Fonte: ABICS (2022)

## APÊNDICE B

### Tabela 1B – Índice de Variabilidade

Ano	Quantidade (saca de 60 kg)	Índice de Variabilidade
1995	2.614.661	-3
1996	2.518.395	-4
1997	2.333.874	-7
1998	1.661.836	-29
1999	1.960.691	18
2000	2.066.216	5
2001	2.493.891	21
2002	2.546.537	2
2003	2.847.626	12
2004	3.183.957	12
2005	3.525.168	11
2006	2.963.664	-16
2007	3.373.677	14
2008	3.364.931	0
2009	2.912.098	-13
2010	3.362.130	15
2011	3.599.433	7
2012	3.544.639	-2
2013	3.547.504	0
2014	3.459.020	-2
2015	3.551.022	3
2016	3.874.750	9
2017	3.482.908	-10
2018	3.727.461	7
2019	4.001.109	7
2020	4.131.343	3
2021	4.035.435	-2

Fonte: Cecafé (2022)

## APÊNDICE C

**Tabela 1C- Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial - 1995 – 2005**

<b>Países</b>	<b>1995</b>	<b>1996</b>	<b>1997</b>	<b>1998</b>	<b>1999</b>	<b>2000</b>	<b>2001</b>	<b>2002</b>	<b>2003</b>	<b>2004</b>	<b>2005</b>
Brasil	62,0	55,0	52,1	47,7	42,4	41,2	40,3	39,8	39,4	42,1	38,2
Malásia	0,0	2,6	3,1	4,4	8,0	13,2	20,5	22,8	16,8	17,2	14,5
Vietnã	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0,7	1,1
Índia	2,7	8,1	12,1	13,3	10,6	14,0	13,1	12,2	11,5	11,7	11,0
Indonésia	-	-	-	-	-	-	-	-	2,9	2,1	4,1
União Europeia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	5,4
México	4,9	4,5	3,8	3,8	3,7	3,7	3,1	2,9	6,5	4,9	4,5
Colômbia	10,4	10,3	11,8	12,1	13,6	11,3	9,4	8,7	8,0	7,6	8,6
Tailândia	0,0	0,1	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	0,2	-	0,1	1,2
Equador	15,5	9,7	8,2	7,7	9,8	6,3	6,0	5,5	5,5	5,8	5,4
Demais Países	4,5	9,6	8,8	10,7	11,6	10,1	7,4	8,0	9,4	7,7	5,9
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: USDA/Fas (2022)

**Tabela 2C- Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial -2006 – 2015**

<b>Países</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>2008</b>	<b>2009</b>	<b>2010</b>	<b>2011</b>	<b>2012</b>	<b>2013</b>	<b>2014</b>	<b>2015</b>
Brasil	36,4	32,5	33,2	29,8	26,4	22,8	22,9	23,0	22,5	21,3
Malásia	8,8	8,2	8,8	11,0	12,3	12,2	13,8	14,2	13,5	16,9
Vietnã	0,8	0,8	1,1	1,1	1,6	2,5	3,2	5,0	5,7	7,8
Índia	9,5	11,4	10,2	8,2	10,4	9,8	10,5	9,5	10,6	9,3
Indonésia	4,1	5,3	8,3	10,7	11,2	16,7	17,7	13,2	11,5	11,6
União Europeia	3,5	4,4	0,6	1,0	0,3	2,4	1,7	1,9	2,8	1,4
México	5,8	6,5	6,8	6,1	5,8	5,3	5,6	6,0	6,0	5,2
Colômbia	9,2	7,3	7,0	7,2	7,8	6,8	4,3	4,4	4,2	4,4
Tailândia	7,2	7,2	7,9	10,5	12,8	11,0	8,8	11,2	13,4	12,1
Equador	6,5	7,0	7,4	6,8	6,3	6,0	6,9	7,1	5,2	4,6
Demais Países	8,3	9,4	8,5	7,7	5,1	4,6	4,5	4,4	4,6	5,3
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: USDA/Fas (2022)

**Tabela 3C- Participação Percentual dos Países Exportadores de Café Solúvel no Mercado Mundial -2016 – 2021**

<b>Países</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>2018</b>	<b>2019</b>	<b>2020</b>	<b>2021</b>
Brasil	21,4	23,0	21,2	23,4	23,6	22,2
Malásia	17,5	18,2	18,6	18,2	17,5	15,6
Vietnã	11,8	12,4	12,7	12,5	13,1	12,9
Índia	9,6	11,6	12,2	10,7	10,4	11,1
Indonésia	11,2	4,9	6,1	7,0	5,8	7,6
União Europeia	3,1	4,7	5,9	6,7	7,1	8,3
México	4,9	6,0	6,1	5,5	5,5	4,9
Colômbia	4,7	5,6	5,1	5,2	5,8	5,6
Tailândia	5,6	5,3	3,9	4,2	5,3	5,0
Equador	4,4	3,0	3,5	2,4	2,2	2,7
Demais Países	5,8	5,4	4,7	4,2	3,7	4,1
Total	100	100	100	100	100	100

Fonte: USDA/Fas (2022)